



NATÁLIA DUTRA CÁSSIA

A CONSTITUIÇÃO DO CORPO NA CRIANÇA COM AUTISMO

BRASÍLIA

2015

NATÁLIA DUTRA CÁSSIA

A constituição do corpo na criança com autismo

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação da professora Doutora Fátima Lucila Vidal Rodrigues, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dr^a. Fátima Lucília Vidal Rodrigues

BRASÍLIA

2015

TERMO DE APROVAÇÃO

A constituição do corpo na criança com autismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido sob a avaliação da
Comissão Examinadora constituída por:

Prof.^a Dr.^a Fátima Lucila Vidal Rodrigues
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Maria Alexandra Militão Rodrigues
Membro Titular – UnB/FE

Prof.^a. Sheylane Nunes Brandão
Membro Titular – Associação Pró Educação Vivendo e Aprendendo

AGRADECIMENTOS

Gratidão, palavra tão bonita, que é usada para determinar aqueles que nos ajudam, cada qual com sua maneira de ser! Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado a oportunidade de perpassar todo esse caminho, pois, na educação, tenho encontrado uma forma de me olhar profundamente a partir da convivência com crianças, reconectando-me com essa fase tão importante da vida que é a infância.

Agradeço minha mãe Maria e minhas irmãs, Thyana e Bruna, por me lembrarem a priorizar a minha formação, pois, no meu caminho, acabei priorizando o trabalho e deixando a faculdade, muitas vezes, em segundo plano.

Agradeço, também, a meu companheiro Marco, pela paciência e por estar ao meu lado sempre quando preciso, por me lembrar a ter foco e priorizar meus objetivos, o que me ajudou a vislumbrar, assim, meus objetivos e o que é necessário para alcançá-los.

Agradeço a minha vizinha Neli, que desencarnou durante esse ano, por sempre acreditar em mim e me apoiar, dando-me força em minhas escolhas.

Sou grata a todas as experiências, boas e ruins, pois nelas aprendi e enriqueci-me como pessoa.

Sou eternamente grata à escola *Vivendo e Aprendo* e todos os parceiros que tive, por abrir as portas de um novo pensamento em educação e por ter proporcionado a convivência com pessoas tão incríveis em meu dia a dia.

Grata a minha querida orientadora Fatinha, por me ajudar e acolher durante todo esse processo.

Sou grata a todos que me afetaram, mobilizaram, que me fizeram construir e a desconstruir o pensamento em educação, seja professores, amigos, mesmo aqueles que só passaram em minha vida brevemente. Sou grata a tudo e a todos que ajudaram a construir quem eu sou! Namastê!

“A vida que nós recebemos nos foi dada não para que simplesmente a admiremos, mas que estejamos sempre à procura de uma nova verdade escondida dentro de nós.”

Conde Leon Nikolaievitxh.

RESUMO

No presente trabalho, que foi constituído em forma de ensaio, propõe-se uma reflexão sobre a constituição do corpo na criança com autismo. O seu objetivo geral é problematizar a constituição do corpo desse indivíduo e, nesse trabalho, inicialmente, apresento o conceito de autismo, faço uma pequena contextualização histórica do tema e descrevo o conceito e as características do autismo. Em seguida, discorro sobre o conceito de corpo, com base na ideia de que o corpo ultrapassa a materialidade dos membros, pois é a partir dele que se descobre o mundo e o outro. No ponto seguinte, abordo a constituição do corpo na criança com autismo e saliento a construção psíquica do corpo, assim utilizo o conceito de “corpos despedaçados” como base para essa discussão. A ideia do trabalho surgiu a partir da prática docente, em específico a partir da convivência com uma criança com autismo. Sendo assim, neste ensaio, utilizo os relatórios do desenvolvimento dessa criança, descritos no período de dois anos, para fomentar a discussão com os temas propostos. Por fim, salienta-se que o último tópico desse trabalho é uma reflexão sobre esses fragmentos da realidade escolar. Esse trabalho é importante devido à reflexão em torno da compreensão e do respeito ao sujeito com autismo, pois, nesse ensaio, esses sujeitos são considerados em sua forma particular de se relacionar com o mundo e com o outro.

Palavras-chave: autismo; constituição do corpo; análise de relatórios.

ABSTRACT

The present work, which was set up as an essay, proposes a reflection on the constitution of the body in children with autism. Its overall objective is to discuss the constitution of the body, so this work initially presents the concept of autism, say a little historical context about this theme and describe the concept and characteristics of autism. Then I discuss on the body concept, based on the idea that the body exceeds the materiality of the members, as it is from him that you discover the world and the other. The next point, I discuss the constitution of the body in children with autism and I stress the construction of the body, so I use the concept of "broken bodies" as a basis for discussion. The idea of the work came from the teaching practice, in particular from teaching a child with autism. Thus, in this essay, I use the reports of the development of the child as described in the two-year period, to encourage discussion with the proposed themes. Finally, please note that the last topic of this work is a reflection on the school reality with these fragments. This work is important because of the reflection on the understanding and respect for the individual with autism, so, in this essay, these subjects are considered in their particular way of relating with the world and with each other.

Keywords: autism, body, reports analysis.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	03
RESUMO.....	05
ABSTRACT.....	06
SUMÁRIO.....	07
APRESENTAÇÃO.....	08
PARTE 1- MEMORIAL.....	10
PARTE 2- ENSAIO.....	16
1. Introdução.....	17
2. Autismo, probabilidades de um conceito.....	17
3. Corpo: estar e viver o mundo através e por meio dele.....	20
4. A constituição do corpo na criança com autismo.....	22
4.1 O lócus do trabalho e a criança em destaque.....	24
4.2. Caracterização da Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo.....	24
4.3. Caracterização do sujeito.....	26
4.4. Fragmentos de um corpo real na realidade da escola.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
PARTE 3 - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICES.....	38

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é constituído por três partes: memorial, ensaio e perspectivas profissionais. No memorial educativo, faço uma breve retrospectiva de minha vida, focando em minha trajetória escolar, descrevendo meus passos até me encontrar como educadora, assim explano os motivos da escolha de escrever sobre a temática desse ensaio.

A segunda parte é composta pelo ensaio, no qual faço uma breve introdução ao tema abordado para, em seguida, discorrer sobre o autismo e as possibilidades de sua conceituação. Logo após, abordo o conceito de corpo a partir da perceptiva de sua constituição, com foco especial na constituição do corpo da criança com autismo. Em seguida, faço uma caracterização da Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo, instituição onde foi gerada a reflexão temática, a partir da minha experiência como educadora e do meu convívio com alunos com autismo. Por fim, na última parte, proponho uma análise sobre os temas abordados anteriormente e sobre os relatórios do desenvolvimento de uma criança com autismo, os quais foram escritos pelas educadoras que acompanharam essa criança entre os anos de 2012 e 2013.

É importante salientar que peguei o termo de consentimento da escola e dos responsáveis pela criança, portanto eles estão cientes de que os relatórios bimestrais da criança são utilizados nesse trabalho. É também importante dizer que tanto os nomes das professoras que acompanharam essa criança durante esses dois anos, exceto o meu, e os nomes de crianças da turma que aparecem nos relatórios, quanto o nome dos pais, foram trocados por nomes fictícios com o intuito de manter o sigilo e preservar a identidade de cada um dos envolvidos.

Nas considerações finais, faço um fechamento conclusivo sobre o trabalho percorrido e coloco minhas ponderações sobre a temática trabalhada. Por fim, na última parte, falo das minhas perspectivas profissionais.

PARTE I – MEMORIAL

MEMORIAL EDUCATIVO

Tudo começou às 6:40 da manhã, em uma cidade do interior do Mato Grosso do sul chamada Ponta-Porã. Lá eu dei meus primeiros suspiros de ar. Começou ali minha caminhada pela Terra. Recebi o nome de Natália, dado em homenagem a minha bisavó paterna, também chamada Natália.

Fui a última filha de três, a caçula. Minha mãe é Paraibana de cultura nordestina, meu pai sul mato-grossense. Quando completei um ano de idade, meus pais se separaram e eu e minhas irmãs fomos morar em Natal, no Rio Grande do Norte, onde vivia a maior parte da família de minha mãe.

Lá morei de 1 a 5 anos. Lembro-me do cheiro do mar, das tardes em que corria e brincava pela rua, do sabor do jambo roxo maduro que surgia na árvore em que subíamos, da casa sempre cheia: tias, tios, avô e muitos primos. Lembro-me, ainda, da praia em noite de lua cheia, dos colos, aconchegos que ganhava, das balinhas compradas na banca da praça, dos amigos que moram na rua, dos passeios de bugue, de uma infância divertida!

Quando estava para completar 6 anos, minha “maíinha”, que trabalhava no Banco do Brasil, pediu transferência para Brasília, onde ela já havia morado dos 15 aos 21 com os irmãos. Nessa cidade, ela, então, havia conhecido meu pai e, após o casamento, eles foram morar por 12 anos em cidade Ponta-Porã (MS). Em Brasília, moravam duas tias minhas, uma irmã da minha mãe, a tia Inês, e a outra, irmã de meu pai, a tia Dina.

Aos 6 anos, eu chegava no cerrado do Planalto Central. Lembro-me do Jardim de Infância da 308 Sul, escola onde eu estudei. As salas eram divididas por cores, lembro-me do Jardim III, da tia Tatá e de três amigas que eu gostava bastante. Havia o parquinho onde constava uma ponte de madeira que, geralmente, nos levava ao castelo. Havia uma casinha perfeita para nós, havia uma cama pequena, um fogãozinho e quantas comidas preparássemos por lá. Lembro de um cantinho escondido atrás da sala, eu adora bater um papo por lá, lembro-me que, na hora do lanche, fazíamos uma fila, todos com as mãozinhas nos ombros dos amiguinhos, cantando: “meu lanchinho, meu lanchinho, vou comer, vou comer, pra ficar fortinho e crescer e crescer”. Lembro-me dos lanches serem gostosos! Ficaram registrados quibes, pizzas e bolos.

Recordo, também, de minha mãe preocupada, pois eu estava indo para o 1º ano e eu não sabia nem ler nem escrever. Naquelas férias, eu passei a ir três vezes por semana à casa de uma senhora que morava no prédio à frente para brincar e fazer um monte de exercícios. Passadas as férias, eu estava alfabetizada!

Então, eu fui estudar em uma nova escola, a Escola Classe 204 Sul. Minhas irmãs já estudavam lá, então caminhávamos todas juntas para a escola. Lembro de muitos elementos daquele ambiente, como minha professora, a Tia Zuleica do 1º ano. Ela era muito brava e séria, e eu adora conversar. Lembro-me que tinha o mapa da sala,

onde os professores separavam os amigos e escolhiam onde cada um se sentaria por todos os dias do ano. O lanche era muito gostoso, eu adorava quando era servido galinhada ou *Toody* com biscoito maria, no entanto eu já sabia que os biscoitos eram servidos apenas em dias especiais! Eu gostava de ir à escola para estudar, tentava manter meus cadernos caprichados, sempre tinha que copiar muitos textos do quadro negro. Quando deveria fazer algum trabalho, eu frequentava a biblioteca para pesquisar em enciclopédias. Ah... lembro que eu era bem bagunceira... No 5º ano, sentava no fundo da sala e adorava conversar com os amigos.

Nessa escola, estudei do 1º ao 5º ano. Foi quando eu pedi para minha mãe me mudar de escola, pois não aguentava mais estudar lá, os meninos ficavam xingando toda hora, ficavam falando palavras de conotação sexual sem parar. Após muitas conversas com minha mãe, ela me transferiu para Escola Classe 405 Sul, onde eu estudei do 6º ao 8º ano. Eu adorei estudar nessa escola, pois havia gente nova, ares novos, um professor para cada matéria, parecia o paraíso! Eu estudava, tirava boas notas em todas matérias, até deixar essa escola nunca havia ficado em recuperação. Apesar das notas boas, eu era uma aluna bagunceira, "não levava desaforo pra casa", discutia com professor, vivia na direção, levava muitas advertências que resultavam em suspensões. Lembro da vice-diretora berrando com todos que entravam lá.

A aula de artes era um paraíso, tínhamos um professor "descolado". Durante a aula tinha música, mas um dia ele se irritou e me mandou para direção e me deu uma advertência só porque eu comprei uma banana na feirinha de frutas e legumes que ficava grudado na grade da escola, vai entender!

Mas eu gostava de lá, a galera era animada, muitos deles já encontrei pelos corredores da UNB cursando matemática, biblioteconomia, história, ciências sociais, galera porreta!

Saindo de lá, queria estudar em uma escola ali perto chamada Imaculada Conceição de Jesus, pois os amigos com quem eu andava na quadra, onde morava, estavam indo estudar lá. Como minha mãe não estava podendo pagar, fiz a proposta para minha avó Neli e minha tia Dina dividirem a mensalidade. Fui sozinha até à diretora dizer que queria muito estudar lá, mas para isso precisaria de um desconto, porque quem iria pagar seria minha tia e avó. Ela, então, deu-me 30% de desconto, e a vó e a tia toparam pagar!

Eu tinha quatorze anos, uma escola nova, amigos que eu já conhecia, muita cobrança e os hormônios da adolescência a todo fervor!

De repente, eu me voltei totalmente para amigos e curtidão. A escola começou a ficar chata e era muito difícil, pois, enquanto na escola pública era 70% trabalho e 30% prova, na escola particular era 70% prova e 30% trabalho. A responsabilidade foi ficando de lado, eu só conseguia enxergar o eu... os amigos e as festas foram ficando mais interessantes e a escola cada vez mais chata... no final do ano: reprovação!

Todos desapontados com a minha falta de dedicação e o excesso de diversão, voltei para a escola pública. Fui estudar no Paulo Freire, na Asa Norte. Voltamos aos 70% trabalho e 30% prova, eu aprovava essa situação! No terceiro bimestre, eu estava aprovada em quase todas as matérias. Escola nova, gente nova e muito interessante, a galera era ligada ao movimento estudantil, politizada, se mobilizavam!

E lá eu estava no meu segundo ano do segundo grau. No entanto, aquele lugar começou a não fazer sentido para mim. Meu apelido era turista, eu quase sempre chegava no segundo horário ou no quarto, pois na escola tínhamos as duas primeiras aulas, intervalo, mais duas aulas, intervalo e mais as duas últimas. No portão nem sempre havia alguém, muitas vezes, eu entrava e saía pela frente quando queria. Atrás da escola também havia um buraco na grade bem longe, algumas vezes também passei por lá. Eu já me sentia gente grande, só queria saber dos amigos, ficar na rua dos bares, que ficava perto da escola. Na escola, a aula que eu mais gostava era a de sociologia. Desde meu primeiro ano, eu dizia que iria cursar antropologia na Unb. Todos os anos, eu prestava vestibular para treinar.

A escola era local obrigatório todos os dias e aquilo começou a me incomodar, eu não aprendia nada de útil para a vida, achava perda de tempo, eu já sabia que queria entrar na UNB, estudar algo interessante, estudar a humanidade, a sociedade, o índio. No final do segundo ano, eu tinha nota para passar em todas as matérias, mas reprovei sabe em que? Artes! Por não ter havido entregueado um bendito trabalho. Eu logo fui conversar com minha mãe para fazer o CETEB (supletivo), só uma matéria, coisa rápida.

Foi quando eu firmei meu pensamento na UNB, decidi que era aquilo que eu queria, fui atrás de um supletivo oferecido pelo SESC, com sede no setor comercial sul. A duração do curso era de 6 meses, mas equivalia a um ano no ensino regular. Esse curso custava barato, uns oitenta reais por mês. Conversei muito com minha mãe, falei que faria o 3º ano lá e, nos outros seis meses, já entraria no cursinho para prestar vestibular na UNB. Convenci a minha mãe que só perderia tempo na escola, pois eu já sabia o que queria, entrar no mundo da Universidade. Como eu já trabalhava aos fins de semanas vendendo roupa na Feira da Lua e também fabricava alimentos naturais para vender em eventos alternativos, propus-me a pagar o supletivo e a começar a caminhar com independência.

Então, após seis meses, eu concluí o segundo grau, ufa! Logo me matriculei no cursinho pré-vestibular, não estudei suficientemente e o resultado foi: reprovada no vestibular para ciência social. Após mais seis meses de estudo, a data do vestibular da UNB foi se aproximando e minha irmã, que cursava veterinária na Upis, falou que eu deveria tentar o vestibular da Upis, apenas para treinar. Na hora da inscrição, agronomia era a opção mais parecida comigo. Achei interessante estudar a terra, os alimentos e sua produção. Essa tinha sido a profissão de meu avô, Patrício e serviu-me de inspiração.

Naquele semestre fui reprovada novamente na UNB, e tinha sido aprovada em agronomia na Upis, minha mãe e irmã incentivaram que eu estudasse lá, então me

matriculei e dei início a uma nova jornada em minha vida. O trote havia sido um tanto traumático, amarraram nossas mãos como boi, jogaram tinta e farinha, ficavam nos chamando de bicho e ainda queriam que tomássemos cachaça às 7:00 horas da manhã. Até o meio do ano, todas as vezes que passávamos, alguns veteranos ficavam nos chamando de bichos. Eu não entendia porque se achavam tão superiores e precisavam ficar se afirmando em cima de nós o tempo todo. Lá no final do 1º semestre, estava na aula de introdução à agronomia e uma professora me perguntou porque eu estava naquele curso, o que me motivava. Eu parei, pensei, pesei e não conseguia encontrar uma única resposta, o curso era muito interessante, mas eu continuava sem resposta.

Não passou muito, eu entrava em crise interna, perguntando-me a todo tempo o que estava fazendo naquele curso, pois essa profissão não me tocava realmente. Resolvi, então, abandonar o curso e voltar a estudar para meu antigo sonho de estudar antropologia na UNB. Entrei no cursinho, dessa vez estudei firme, ficava horas na biblioteca, resultado: reprovada mais uma vez, mas a nota tinha subido bastante. Nesse meio tempo, eu trabalhava em colônias de férias. Eu adorava trabalhar com crianças e todos diziam que eu tinha muito jeito com elas. O marido de uma grande amiga minha, o Daniel, era professor da *Vivendo e Aprendendo*. Conheci a escola por conta desse meu amigo, quando tinha 16 anos, em uma de suas famosas festas. Dani me dizia para eu entregar o currículo lá, achava que a escola parecia comigo.

Nesse meio tempo, mais um vestibular e nada...Foi quando eu comecei a pensar no que eu realmente queria trabalhar. Numa certa tarde, eu peguei uma folha de papel e escrevi todos os cursos que eu faria: CIÊNCIAS SOCIAIS, ARTES CÊNICAS e PEDAGOGIA, ao redor dessas palavras fui escrevendo palavras que vinham na minha cabeça relacionadas ao que eu poderia fazer no futuro e palavras que representavam o que o curso me provocava. Sabe a ciências sociais? Não tinha quase palavras, artes cênicas tinha umas muito boas, mas, por incrível que pareça, a pedagogia estava repleta de palavras lindas e parecia que lá era o meu caminho!

Mais um semestre de cursinho e dessa vez eu estava muito focada, estudava várias horas por dia, no dia do resultado eu havia reprovado por muito pouco. Na época, eu estava trabalhando numa loja perto de minha casa, vendia vestidos para festa e fazia cursinho à noite. Então, novamente, seis meses depois, eu foquei em estudar a partir das provas dos vestibulares. Estava na loja quando entrei no site para ver o resultado do vestibular, quando vi meu nome e a palavra APROVADO ao lado, não conseguia acreditar, era muita emoção, pulei e gritei tamanha minha alegria!

Fui então fazer minha matrícula, fui aprovada do 1º semestre de 2011. Chegou o então esperado primeiro dia de aula. Fui andando ansiosa e me lembrando do meu primeiro trote, mas a ansiedade de ser aluna na UNB era muito maior do que qualquer receio.

Fui me aproximando... estavam todos reunidos no meio da praça, quando cheguei, fui recebida com sorrisos e um seja bem-vinda! Fizemos uma grande roda, nos apresentamos, fizemos várias dinâmicas incríveis, assistimos um filme sobre educação e

pensamos criticamente sobre ele, quem nos recebia eram Wesley, Victor, Mateus e Deise. Pensa numa galera massa! Mais tarde todos se tornaram meus amigos do coração!

Tudo parecia fazer sentido, a cada momento que passava eu estava certa de que ali era o meu lugar!

No primeiro semestre, eu continuava a trabalhar na loja, no final do semestre eu pedi demissão, pois queria começar a fazer estágio na escola. No início do segundo período, eu havia imprimido muitos currículos e entregado em muitos lugares, me chamaram para uma entrevista em uma escola infantil da cidade, eu havia sido contratada para trabalhar no ensino integral, começaria na segunda-feira! A diretora pediu-me para procurar a secretária que, na segunda, ela me entregaria o uniforme e me encaminharia para a sala onde ficaria.

Saí de casa, na segunda, toda animada para meu primeiro dia na escola, chego lá, a secretária me dá o uniforme e me encaminha a sala do integral. Cheguei lá, ela falou para a professora do integral: “essa é a menina nova que vai ficar com você”, eu entro e a prof. diz: “ah você que vai ficar aqui, né, pode olhando que você vai vendo”. Havia duas meninas a mais que trabalhavam nessa sala, tudo eu precisava perguntar. Na hora do lanche, cheguei na sala das professoras e elas ficavam falando mal das crianças ou de outras professoras o tempo todo, aquilo foi angustiante. Fui pra casa e, quando cheguei, estavam minha mãe e meu namorado perguntando-me como havia sido minha experiência na escola. Eu comecei a chorar, me senti invisível desde a hora que entrei e sai, NINGUÉM havia perguntado o meu NOME, nem a professora nem as duas meninas que trabalhavam comigo na sala, me senti muito mal com essa situação.

Aquela experiência horrenda foi muito boa para que eu também visse a realidade da educação, lá eu me sentia uma cuidadora, muitas coisas me incomodavam. As crianças eram obrigadas a dormir depois do almoço e quem não ficasse quietinha levava uma bronca das professoras, elas passavam a tarde (no integral) assistindo DVD, da xuxa, patati e patatá entre outros. Não existia momentos pedagógicos, de vez em quando a professora propunha alguma atividade de arte, nada tinha ligação com o dia a dia, as crianças não podiam correr, nem se sujar depois do banho, iam em filas para o refeitório, sentia-me sufocada naquele lugar.

As estagiárias viviam falando que não faziam nada, que arrumavam o material bagunçado em sala, limpavam o xixi e cocô das crianças, pois haviam professoras que diziam que não eram pagas para "limpar bundas". As estagiárias nunca haviam feito nenhum planejamento, fiquei chocada ao escutar todas aquelas reclamações.

No final do semestre, fui fazer a avaliação com a diretora, aquele seria o momento de desabafo de todos absurdos que vi naqueles seis meses. Ela entrou e foi logo dizendo "você não merece o pontuamento máximo em tal categoria pois está de sandália, não pode, tem que ser tênis". Daí eu comecei a falar a minha avaliação de tudo que me incomodava, o telefone toca, ela atente, levanta, vai pegando a bolsa, desliga o

telefone e diz que concorda com tudo o que eu VOU falar, que o integral vai mudar no ano seguinte e que teria que sair. Perguntei: “mas como assim eu não comecei a falar”, ela saiu e disse que não me daria ouvidos. No dia seguinte, acabaram as aulas e eu nunca mais voltei naquele lugar horrendo que se diz educar.

Nesse meio tempo, que ainda estava na escola, eu havia entregado meu currículo na *Vivendo e Aprendendo*, então me ligaram de lá me chamando para fazer uma observação, feliz da vida fui para o processo seletivo. No final do primeiro dia eu estava extasiada, seria aquilo tudo real? As crianças eram livres, os adultos escutavam o que elas queriam, conversavam, faziam combinados com elas, elas eram os verdadeiros sujeitos da escola, eram respeitadas. Fiquei vislumbrada com o que vi, ali as crianças corriam soltas, descalças para a pracinha e os professores ainda estavam em sala, uau! Tinha certeza que era ali, que eu queria estar, ser quem eu realmente sou!

No início do 1º bimestre, me ligaram e disseram que havia uma vaga para mim e perguntaram se eu gostaria de ficar com ela. Eu estava com minha avó, a Neli, pulamos de alegria!

Na *Vivendo* eu pude enxergar a educação de uma nova forma, em que as crianças são sujeitos de sua própria história, sendo respeitadas como realmente são. É um lugar onde aprendem a se colocar perante os outros, dizendo o não gostei, são livres em suas descobertas, é um lugar onde todos aprendem e se descobrem juntos, tanto adulto quando criança, sobem em árvores, sujam-se bastante e têm a possibilidade de descobrir o mundo!

Até hoje eu estou nessa instituição. Fui estagiária por um ano e meio, tive três parceiros incríveis: Pablo, Leila e Clara, aprendi muito com cada um deles e deixo minha eterna gratidão a todos pelos aprendizados construídos nas parcerias. Então me tornei professora e vou caminhando nessa estrada desafiadora de ser educadora, repleta de obstáculos emocionantes, árduos, alegres e tristes que me movem e me comovem e me dão a certeza de estar na estrada certa da descoberta do outro e do e EU! *Vivendo e Aprendo... SEMPRE!*

Paralelo à minha experiência como educadora na *Vivendo e Aprendendo*, construí minha trajetória curricular na Unb. O estudo teórico e a prática na escola levaram-me a questionar a constituição do corpo e o autismo. Acompanhar crianças com autismo na *Vivendo* tem sido meu maior desafio acadêmico, tendo assim que adentrar nesse universo e desvendar a cada dia um pouco mais sobre ele.

A partir da convivência com crianças com autismo, pude perceber que o corpo é um instrumento bastante complexo e esses sujeitos se relacionam de formas muito específicas em cada singularidade daquilo que os cercam. O corpo é de suma importância para o desenvolvimento da criança, sendo ele o mediador entre elas e o mundo. Por esse fato, escolhi estudar e investigar essa temática a partir da prática em sala de aula.

PARTE II- ENSAIO

A constituição do corpo na criança com autismo

1. Introdução.

Ao longo da estrada da vida como educadora, me deparei com muitos desafios. Ter a oportunidade de conviver, aprender e ser educadora de uma criança com autismo me fez questionar muitos elementos. Tive a oportunidade de descobrir uma forma diferente e singular, o autista, com seu jeito, forma de ser, expressão e relacionamento com o mundo.

Escolhi escrever sobre a temática do corpo devido a essa experiência em sala de aula, o que me fez entender a importância do corpo, esse incrível instrumento que nos faz constituir o nosso borda com o mundo. É através do corpo que descobrimos o mundo e nos relacionamos com ele. Como o nosso corpo se constitui? Porque nos relacionamos com o mundo através dele? Como nos comunicamos? O corpo fala? Uma série de perguntas foram passando por minha cabeça e fazendo-me refletir sobre a constituição desse grande instrumento na criança com autismo.

O objetivo geral desse trabalho é problematizar a constituição do corpo da criança com autismo. O trabalho é composto de quatro partes. Na primeira parte, discorro sobre o autismo e a probabilidade de um conceito. Na segunda, falo sobre conceito de corpo; na terceira parte, falo sobre a constituição do corpo na criança com autismo. Como já foi dito anteriormente, a temática do trabalho surgiu a partir de reflexões sobre a minha experiência como educadora, por isso, na quarta parte, faço uma contextualização da escola onde tive essa vivência e utilizo os relatórios bimestrais de uma criança com autismo, nos quais constam informações sobre o seu desenvolvimento ao longo dos bimestres, portanto os documentos são utilizados para fomentar a discussão, o que possibilita uma análise dos fragmentos a partir do desenvolvimento corporal dessa criança.

2. Autismo, probabilidades de um conceito.

Autismo deriva de uma palavra de origem grega, *autós*, que significa "por si mesmas". Essa palavra é utilizada para caracterizar seres que são centrados e voltados para si mesmos. Na década de 40, um psiquiatra austríaco chamado Léo Kanner se dedicou ao estudo de um grupo de crianças que apresentavam estereotípias, comportamentos estranhos e inadequados, tendo elas dificuldades de estabelecer relações com o outro. O primeiro a publicar um estudo a partir de uma investigação detalhada sobre autismo foi Kanner, ele fez esse relato a partir de 11 casos de crianças

que tinham um quadro de autismo, apresentando ecolalia, obesidade e estereotípias. Eles apresentavam habilidades específicas e uma excelente memória. Kanner achava que o autismo era diferente do grupo de esquizofrenias, pois ele entendia que o autismo não era uma doença independente e, sim, um sintoma da esquizofrenia. Por diversas vezes, Kanner repensou o conceito de autismo. Em 1973, ele afirmou a necessidade de se propor mais estudos sobre o tema, dizendo que a síndrome autística era parte de um quadro das psicoses infantis. A partir de Kanner, muitos pesquisadores foram realizando estudos e elaborando suas hipóteses da origem do autismo, a partir da convivência com pessoas que tinham a síndrome.

Silvia Ester (2012) nos apresenta um resumo de 60 anos de estudos e das possíveis causas do autismo:

Em 60 anos de estudos científicos, percebe-se que as questões sobre a possível causas do autismo se apresentam desde fatores psicológicos, disfunções cerebrais e alterações de neurotransmissores e fatores ambientais como definidores da síndrome, até os de natureza genética, sendo essa última levantada e analisada mais recentemente por diversos cientistas. Os critérios baseados em comportamento “anormais” vagos foram superados por critérios específicos, relacionados às alterações no desenvolvimento da interação social, da comunicação e das atividades. (ORRÚ, 2012, p.183)

Não podemos nos esquecer que cada ser é único em sua singularidade, na sua forma de se relacionar com o eu e o mundo, portanto cada criança com a síndrome do espectro autismo o faz de uma forma única.

Acredito que crianças (futuros adultos) com autismo somente estão de uma forma diferente no discurso. Aparentemente, para muitas pessoas, elas estão ausentes da realidade, contudo, na verdade, estão presentes na sua forma particular de ser.

Segundo Bleuler (apud: QUINET, 2006, p.75) autismo significa a perda do contato com a realidade, nos casos mais graves completamente e, nos mais leves, parcialmente.

Bleuler não acentua o caráter de perda da realidade, mas o aspecto da vivência de outra realidade: “...eles vivem em um mundo imaginário, feito de todo tipo de realização de desejos de idéias de perseguição.” Em sua concepção, jamais existe uma perda total da realidade: o sujeito se encontra em dois mundos, o autista e o da relação com outros seres humanos. Na verdade, “esses dois mundos são a realidade para ele.” Os autistas podem fazer a diferença entre eles e, em outros casos, “o universo autista parece-lhes mais real e o outro apenas o mundo de aparências”. (QUINET, 2006, p.83).

Segundo as concepções de Asperger (1944) acerca do autismo, ele traz uma nova concepção quanto as relações entre o sujeito com autismo e outro. Ele saliente a forma ingênua e inapropriada do sujeito com autismo em se aproximar das pessoas, notando também a dificuldade em que os pais têm de reconhecer comportamentos comprometedores nos filhos nos primeiros anos de vida, enquanto Kanner fala de forma extrema ao retraimento social.

As crianças de Asperger demonstravam ter uma fixação exagerada por objetos que a cercavam sendo eles considerados objetos incomuns, atribuindo essas manifestações de comportamento como problemas a uma deficiência biológica, em especificamente genética, não falando sobre os aspectos psicodinâmicos.

O transtorno do Espectro Autista, em geral está inserido no grupo das “psicoses infantis”, por isso é visto como um transtorno das origens do psiquismo infantil, e os perfis do pai e da mãe das pessoas com autismo são associadas ao início do diagnóstico dos seus filhos. (MONTERIRO,2013, p.26)

O autismo deixa de ser incorporado a categoria de “psicoses infantis” a partir de 1980 e passa a ser classificado como um “ transtorno invasivo do desenvolvimento” (TID).

Segundo a Organização mundial da Saúde (OMS, 1992), no grupo dos “Transtornos do neurodesenvolvimento” está a denominação dos “Transtorno do Espectro Autista”, incluindo além do autismo, a síndrome de Rett, o transtorno degenerativo e a síndrome de Asperger.

Segundo José Raimundo Fación (2014), psicólogo de abordagem comportamentalista, sucinta-se 14 sintomas cardeais para o reconhecimento do autismo. Não necessariamente o sujeito que tem autismo possui todas essas características, porém essas características se manifestam mais corriqueiramente no autismo. São elas:

- 1 não se mistura com outras crianças;
- 2 age como se fosse surdo;
- 3 resiste ao aprendizado;
- 4 não demonstra medo de perigos reais;
- 5 resiste a mudanças de rotina;
- 6 usa as pessoas como ferramentas;
- 7 risos e movimento não apropriados;
- 8 resiste ao contato físico;
- 9 acentuada hiperatividade física;
- 10 não tem contato visual;
- 11 apego não apropriado a objetos;
- 12 gira objetos de maneira bizarra e peculiar;
- 13 as vezes é agressivo e destrutivo;
- 14 modo e comportamento indiferente.

Ainda que seja uma atitude inerente ao diagnóstico, não podemos deixar que a criança seja rotulada devido a ele. A nossa missão enquanto educadores é respeitar cada

um em sua forma de ser, oferecendo mecanismos, como mediadores do processo da descoberta do mundo e do outro, para um desenvolvimento rico e saudável.

Mas o que é autismo? Partindo de diferentes abordagens teóricas, autismo é a combinação de três elementos que, frequentemente, se apresentam nos sujeitos: uma comunicação muito fragilizada com o outro, estereotípias e ausência na interação social.

3. Corpo, estar e viver o mundo através e por meio dele.

E o que é o corpo? Esse incrível continente subjetivo que nos permite estar aqui na linguagem, fazendo o eu e o mundo. É a partir dele que descobrimos o mundo e tudo que nos cerca, ou seja, quando tomamos a consciência que possuímos um corpo conseguimos enxergar o outro. Isso ocorre na infância.

Do latim corpus, o termo corpo abrange várias acepções. Refere-se, por exemplo, àquilo que tem uma extensão limitada e que é perceptível pelos sentidos [...]. (www.conceito.de/corpo, acesso em 23/2/2015)

Segundo esse breve conceito de corpo, “uma extensão limitada e que é perceptível pelos sentidos”, a partir dos sentidos do tato, olfato, visão, audição, paladar, sentimos sensações em nosso corpo e descobrimos o mundo.

Segundo a definição do Magno Dicionário, corpo é a “unidade orgânica ou inorgânica que ocupa lugar no espaço”. Nesta definição o corpo é visto somente como um elemento físico delimitado pela pele.

É possível averiguar por essas acepções que as concepções e interpretações do que é o corpo são bem subjetivas. Podemos pressupor essas concepções com respostas diferentes, que variam de acordo com o tempo e a cultura.

No corpo está circunscrito o homem e toda sua essência, sendo o corpo construído historicamente, portanto podem haver vários significados e concepções do que vem a ser o corpo a cada época.

“(…) O corpo humano é socialmente concebido e a análise da representação social do corpo oferece umas das numerosas vias de acesso à estrutura de uma sociedade particular” (Rodrigues, apud: CAVALCANTE, 2005, p.53)

O corpo é constituído por sua parte física e pelo eu, sua essência, segundo Descartes não se pode viver e existir sem essas duas partes conectadas.

[...] conluo que minha essência consiste apenas em que sou uma coisa que pensa ou uma substância da qual toda essência ou natureza consiste apenas em pensar. E, apesar de, embora talvez (ou, antes, com certeza, como direi logo mais) eu possuir um corpo ao qual estou muito estreitamente ligado, pois, de um lado, tenho uma ideia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa pensante e sem extensão, e que, de outro, tenho uma ideia distinta do corpo, na medida em que é somente algo com extensão e que não pensa, é certo que este eu, ou seja, minha alma, pela qual eu sou o que sou, é completa e indiscutivelmente distinta de meu corpo e que ela pode existir sem ele. (DESCARTES, apud: LIMA,2012, p. 113.)

O corpo pode ser visto, olhado e interpretado por diversas áreas do conhecimento, a depender da cultura e do meio que o cerca. Sendo assim, o pensamento sobre o corpo se conclui no seguinte trecho:

O corpo, atualmente, tornou-se uma conexão de múltiplas inquietações e investimentos. Muito se problematiza sobre sua identidade, seja nos aspectos culturais, sociais, antropológicos, psíquicos e filosóficos, por isso é um assunto de grande relevância da cultura ocidental, e que vive sempre em transformação. Nesse sentido, tal transformação se dá de acordo com as relações que cada sociedade estabelece, pois o corpo é o ponto de partida para o desenvolvimento pessoal e constitui o suporte da existência do homem. (SILVA; FLAVIO, 2012, p.77- 78)

4. A constituição do corpo na criança com autismo.

De acordo com a perspectiva psicanalista, a síndrome autística é conceituada como a não instauração de certo número de estruturas psíquicas, o que é evidenciado pelas ausências que podem acarretar déficits cognitivos.

Segundo Antonio Quinet (2006), a expressão corpo despedaçado pode ser utilizada quando se trata de um corpo que não constituiu seu estágio de espelho no período da infância. Esse estágio é de suma importância no desenvolvimento do bebê.

Neste estágio estado nativo do despedaçamento, o corpo é cortado pelas pulsões, sendo através da imagem do outro que esse corpo despedaçado toma uma forma uno. (QUINET, ANTONIO, 2006, p.83).

Esse conceito de espelho, conforme explicitado por Jacques Lacan (1936), segundo o qual a criança faz o reconhecimento do Outro¹, constitui a imagem que a sustenta. Pedindo uma confirmação pelo olhar, a criança recebe no espelho a assunção, uma imagem de algo ainda não conquistado. Esse momento de reconhecimento no estágio do espelho é importante, pois é a partir desse estágio que o bebê vai ter o

sentimento de unidade, a sua imagem corporal que será a base fundamental em sua relação com os outros.

Se não for construído a fase do espelho, o bebê não constitui sua borda, não sabendo assim, onde começa e termina seu próprio corpo. A constituição das fronteiras do corpo são feitas subjetivamente, não sendo tão simples o fato de termos um corpo e isso ser suficiente para termos consciência sobre dele.

Deixando de passar por esse estágio de espelho, é como se o sujeito com autismo ficasse desprotegido do meio exterior, não possuindo a borda capaz de separá-lo do resto do mundo. Assim ficando suscetível a todos os estímulos do ambiente, que parecem atingir esses sujeitos de forma extremamente mais intensa da forma como os percebemos. (LIMA, 2013, p,43)

Uma das características do autismo é o não olhar. Segundo a psicanalista Marie-Lasnilk (2004), se houver uma parceria forte com os médicos da primeira infância, existem dois sinais fáceis a serem observados em exames clínico, que podem detectar, segundo a autora, fracassos nessas instaurações, o que acarreta o autismo. O primeiro é o não olhar do bebê, principalmente quando a mãe não se dá conta do fato, e o segundo, o fracasso do circuito pulsional completo. Caso esse segundo sintoma não seja instalado, ocorre o fracasso no funcionamento do aparelho psíquico.

Podem ocorrer três tempos no circuito pulsional. Dessa forma, é importante ter claro qual o conceito de pulsão abordado nesse trabalho:

A noção de satisfação pulsional vai ser radicalmente separada de toda satisfação de uma necessidade orgânica. Lacan diz literalmente: A pulsão alcançando seu objeto, percebe de algum modo que não é por aí que ela se satisfaz(...), porque nenhum objeto (...) da necessidade pode satisfazer a pulsão(...). Essa boca que se abre no registro da pulsão – não é pelo alimento que ela se satisfaz. (LAZNILK, 2004, p.26)

A pulsão tem três tempos de satisfação, segundo a autora (Lasnilk, 2004). O primeiro é a pulsão oral, segundo a qual o bebê vai em busca do objeto oral para apoderar-se (mamadeira ou seio). Nesse sentido, é fundamental saber se o bebê mama, essa parte do exame é logo identificada pelos médicos.

¹ Termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico — o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus — que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intra-subjetiva em sua relação com o desejo. Pode ser simplesmente escrito com maiúscula, opondo-se então a um outro com letra minúscula, definido como outro imaginário ou lugar da alteridade especular. Mas pode também receber a grafia grande Outro ou grande A, opondo-se então quer ao pequeno outro, quer ao pequeno a, definido como objeto (pequeno) a. Como todos os freudianos, Lacan situou a questão da alteridade, isto é, da relação do homem com seu meio, com seu desejo e com o objeto, na perspectiva de uma determinação inconsciente. (Roudinesco; Plon, 1997, p.558)

No segundo tempo, deve-se verificar se o bebê tem uma capacidade auto-erótica, se é capaz de chupar os dedos, as mãos, pés ou mesmo a chupeta, chamada também pelos psicanalistas de *experiência alucinatória de satisfação*.

E, por fim, no terceiro tempo, ocorre a satisfação pulsional, segundo a qual a criança se colocará na condição de objeto de um outro sujeito, ou seja, a criança deixa-se assujeitar-se pelo outro.

Esse outro é alguém de carne e osso, com quem a criança estabelece uma relação da realidade, e ao mesmo tempo alguém que vai sustentar para a criança o lugar de grande Outro primordial, este que fala no seu lugar, que fornece-lhe os significantes nos quais ela falará mais tarde. (LAZNILK, 2004, p.33)

Se detectado o quanto antes esses dois sinais, o não olhar e o fracasso do circuito pulsional, pode-se intervir antes das instalações das estruturas psíquicas, podendo-se, em alguns casos, tirar a criança do “risco” de desenvolver o autismo.

A criança também se constitui através dos significantes que estão a sua volta, na atitude do Outro com quem ela se identifica. Esses significantes se resumem a:

“As palavras fundadoras, que envolvem o sujeito, são tudo aquilo que constitui, seus pais, seus vizinhos, toda a estrutura da comunidade, que o constitui não somente como símbolo, mas no seu ser. São leis de nomenclatura as que determinam; ao menos até um certo ponto, que canalizam as alianças a partir das quais os seres humanos copulam entre e acabam por criar, não só outros símbolos, mas também seres reais que, ao chegar ao mundo, logo possuem essa pequena etiqueta que é seu nome, símbolo essencial do que lhes está reservado.” (LACAN, 1983:37)

Sendo assim, é correto afirmar que:

O corpo é o lugar de inscrições e significantes, Daí a definição de Lacan: “O corpo é aquilo que pode portar a marca adequada para situá-lo numa sequência de significantes”. O corpo só se constitui como tal a partir do corpo simbólico, e é efetivamente deste que dependem o estatuto e a unificação do corpo humano. É através da apreensão desse corpo na cadeia dos significantes, estrando num discurso, que o sujeito encontrará as funções para seu próprio corpo. Os corpos, para entrarem em função, precisam habitar um discurso. (QUINET, 2006, p.83).

Como já apontado anteriormente, a formação do corpo é um sistema complexo, repleto de muitas variáveis para uma constituição “completa”. Um dos grandes desafios do educador de uma criança com autismo é provocá-lo, tirá-lo da zona de conforto para trazer novas possibilidades de interação com o mundo e o outro.

4.1 O lócus do trabalho e a criança em destaque

A metodologia desse trabalho se dá a partir do acompanhamento qualitativo de uma criança com autismo na escola infantil *Vivendo e Aprendendo*. Salientamos que foi solicitado os termos de compromisso e consentimento da escola, professores e pais da criança. O nome dos colegas, coordenadores e crianças foram modificados para manter o sigilo necessário à pesquisa.

4.2 Caracterização da Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo.

Para dar início a problematização dos fragmentos é de suma importância entender o contexto da escola. A seguir, faço uma caracterização geral da Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo, local onde o trabalho foi desenvolvido.

A Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo foi fundada em 1982 por um grupo de pais, acadêmicos e profissionais da educação que não estavam contentes com os moldes tradicionais do sistema de educação. A escola constitui-se como uma associação sem fins lucrativos, na qual é fundamental a participação de todos que nela se encontram: pais, educadores e funcionários, de forma que todos estejam presentes para a construção coletiva da escola.

Essa associação é constituída por instâncias que são eleitas em Assembleia, formada por uma gestão participativa entre pais e educadores. São elas: diretoria, conselho fiscal, conselho pedagógico, Faap (Fórum de Aprovação, Avaliação e Progressão), comissão da comunicação e comissão de higiene e saúde. No entanto, caso se faça necessário, pode-se criar novas comissões para atender demandas da escola.

A escola se propõe a uma prática inovadora educacional, segundo a qual as crianças são os principais sujeitos da educação, o que estimula a autonomia, preza a liberdade e a identidade e o respeito a cada um em sua própria essência.

Nessa linha, podemos entender o trabalho realizado com as crianças nas seguintes palavras:

A vivendo e Aprendendo- Centro de Convivência infantil, tem como principal objetivo desenvolver todas as potencialidades da criança, valorizando suas formas de expressão, ajudando-a sentir-se mais segura e feliz consigo mesma. Estabelece a nível de objetivos, a criação das condições para a sociabilização a autonomia e o equilíbrio emocional da criança, favorecendo, assim, o fortalecimento, de um elo afetivo com os adultos que lidam com ela, através das situações de trabalho e de convivência. Procura estimular o desenvolvimento físico da criança oferecendo-lhe oportunidade para exploração de seus próprios potenciais; estimula a resolução de situação-problemas que surgem em

seu cotidiano através da noção do indivíduo que compartilha com outros indivíduos do mesmo espaço, propiciando a especulação e exploração de materiais apropriados ao desenvolvimento cognitivo da criança, integrando três aspectos: sociabilidade, representação e organização do pensamento, através da expressão verbal, corporal e criadora. (ESCREVENDO E APRENDENDO, 1998, p.25).

Na *Vivendo*, as crianças são preparadas para a vida e a conviver com seus semelhantes. A participação dos pais na construção da educação é de suma importância na escola, por isso os pais são chamados a pensar, a construir, a questionar, a provocar os educadores, são chamados a participar em sala, a conduzir uma atividade, fazer uma receita culinária, contar uma história... enfim, são estimulados a participar da educação de seus filhos.

A rotina, que é um elemento organizacional para as crianças, é pensada de uma forma leve, que respeite o tempo individual das crianças. A rotina se constitui da roda inicial, com duração de 30 minutos, a primeira atividade, com duração de 30 minutos, o momento do parque, com duração de 1 hora, o lanche, com duração de 30 minutos, a atividade do fora que perdura por 30 minutos, a segunda atividade, feita, também, em 30 minutos, e, por fim, a roda de história, com duração de 30 minutos. A rotina é algo estruturante para os grupos, porém os educadores não se prendem a ela de forma “engessada”, portanto é flexível a mudanças conforme a demanda e a organização de cada grupo.

A roda inicial é um momento de suma importância para o grupo, sendo um elemento organizador do dia. É na roda que as crianças conseguem enxergar uns aos outros, aprendem a respeitar a opinião de todos, garantem seu espaço de fala perante o grupo, desenvolvem a linguagem oral e exercitam, ainda, a escuta atenta. São nas rodas que fazemos nossas assembleias sempre que necessário, também socializamos sobre momento vividos fora da escola, as crianças têm espaço para expressar seus sentimentos, dizer o que gostaram e o não gostaram. Nesse momento, socializamos nossas descobertas, questionamentos e realizamos muitas pesquisas.

A primeira atividade geralmente está ligada ao tema da roda, pode estar ligada ao projeto, pode ser o preparo de alguma receita culinária, atividades ligadas ao raciocínio lógico, artes, música, faz-de-conta, entre outras. Após esse momento, as crianças têm uma hora no parque para brincar, o qual é um momento sem atividades direcionadas. O intuito desse momento é possibilitar a socialização das crianças entre todos os ciclos. Dessa forma, os brinquedos do parque são pensados para as crianças interagirem umas com as outras e usarem a fantasia através do faz-de-conta.

O momento seguinte é o lanche, no qual é trabalhada a diferenciação entre lixo seco e lixo orgânico mediante a divisão das lixeiras, havendo também a cesta. A esse objeto é designado o lanche preterido pelo aluno que pode ser partilhado de maneira coletiva.

Em seguida, temos a atividade do fora, que acontece do lado externo da sala, para a qual são pensadas atividades de corpo e movimento, a fim de estimular a coordenação motora global. Para isso, são utilizados jogos de regras e atividades de jogos simbólicos. Depois voltamos para a sala e fazemos a segunda atividade, também direcionada pelos educadores, assim como na primeira atividade.

E, por fim, ocorre a roda de história no fim do dia, na qual entramos no mundo da fantasia através dos livros. A roda tem diversos formatos e conduções, história da caixa, história continuada, a do livro, a da cabeça, a com fantoches, como bonecos, bichinhos e outras tantas formas de utilizar o mundo da literatura infantil.

A escola atende crianças de 2 a 7 anos, com ciclos 1 ao 5 (pré ao 1º ano), funciona no turno matutino (8:00 às 12:00h) e no turno vespertino (14:00 às 18:00h).

Em cada turma constam, no máximo, 16 crianças. São dois educadores em sala, um professor e um estagiário. Os educadores da *Vivendo e Aprendendo* são de diversas áreas do conhecimento: artes, música, psicologia, antropólogos, pedagogia, educação física, entre outros, pois acredita-se que é importante haver uma inter-relação entre as áreas do saber, o que contribui, assim, para a construção coletiva do pensamento em educação.

4.3 Caracterização do sujeito

Bruna é uma criança encantadora! Assim que a conheci, ela não mostrou o menor problema em permitir a minha aproximação. Em pouco tempo eu já era recebida por seus abraços e carinhos singelos.

Bruna atualmente tem 5 anos e muita energia para viver. É uma criança bastante autônoma, se comunica de forma muito clara, como não fala, expressa seus sentimentos, vontades, angústias, alegrias, entre outros sentimentos, de forma corporal.

Bruna é extremamente carinhosa, gosta bastante do contato corporal, em específico com adultos: abraça, pula em cima, deita no colo, procurando explorar o outro pelo toque. Não precisando necessariamente, ter muito vínculo para que ela se aproxime e de um abraço surpresa pelas costas, porém essa relação física e intensa se estabelece em sua maioria com adultos, com crianças ela demonstra um certo receio.

Nesses dois anos em que pude conviver com essa encantadora criança, pude ver muitas mudanças, Bruna está crescendo e com a maturidade vem os contestamentos e questionamentos. Ela que estabelecia uma comunicação sem questionar muito os nossos pedidos, hoje tem se colocado de maneira clara expressando incômodo e nos questionando através de suas expressões de contrariação, o que por sinal é muito bom, pois ela mostra que está se colocando de forma muito presente nos processos, nos mostrando suas vontades e queres.

A pequena descobre o mundo através de seu corpo. Ela gosta bastante do contado direto com elementos da natureza, principalmente da terra e da água, tendo uma exploração sensorial enorme. Corporalmente é extremamente desenvolvida, gosta bastante de desafios, escala, sobe janelas, saltas de lugares altos, escala árvores e brinquedos do parque, buscando desafios motores.

Bruna coloca muitos objetos na boca, como paus, folhas, brinquedos entre outros, ela gosta de mastiga-los e cuspir seus pedaços, por mais que todos conversem, a todo momento necessário, dizendo que não pode colocar objetos na boca, por conta de serem sujos e poder fazer mal a seu corpo, ela torna a coloca-los na boca, sempre os tira quando solicitado. Contudo, entendemos que esse é um processo de interação e exploração dela com o meio.

Bruna é uma menina sapeca, alegre e carinhosa! Nos ensina a compreender que existem distintas formas de ser, de estar e ser relacionar com mundo.

4.4 Fragmentos de um corpo real na realidade da escola.

Nesse capítulo, faço uma interlocução a partir dos conceitos abordados anteriormente e dos fragmentos do desenvolvimento de Bruna ao longo dos bimestres acompanhados.

Por muitas vezes, vimos, nos relatórios, que Bruna coloca muitos objetos na boca, como pedras, folhas, paus e, até mesmo, brinquedos. Como já citado anteriormente, a criança com autismo não tem feita em seu corpo a borda que define a separação entre o eu e o mundo, por esse motivo as sensações são tão intensas, querendo assim descobrir os objetos pela boca, por exemplo. Podemos observar essa interação com o meio que a cerca no seguinte relato:

“Bruna gosta de morder e colocar objetos na boca. Ela vem colocando menos objetos como folhas e pedras, e colocando mais objetos que encontra na sala, normalmente pequenos, como tampinhas de canetinha. Estamos sempre atentas e nossas intervenções continuam sendo pedir a ela que cuspa o objeto e que não os coloque na boca, pois pode ser perigoso para sua saúde e segurança. Notamos que as intervenções têm feito com que ela coloque cada vez menos objetos na boca, porém entendemos que esse é um processo dela de interação e exploração e que faz parte da sua interação com o meio.”
(Relatório, bimestre de 2013)

No capítulo três deste ensaio, foi apresentado o conceito de corpo despedaçado e borda. Esses conceitos ficam bem expressos no trecho abaixo:

“Bruna descobre o mundo através de suas bordas sensoriais (a pele)...” (Relatório, 3º bimestre de 2014)

Já no relato abaixo, a professora manifesta uma grande preocupação pela periodicidade recorrente em que Bruna coloca os objetos na boca.

“Ainda no sobre os desafios relativos ao comportamento de Bruna, temos sentido outra dificuldade: ela passa boa parte do tempo colocando pedrinhas em sua boca, costume que já vem de bimestres anteriores. Ainda que nossa pequena não tenha a intenção de engoli-las, nos preocupamos com medo que isso possa ocorrer por acidente e também com a contaminação por vermes e bactérias. Assim, sempre que a vemos com pedras na boca, pedimos que ela as cuspa. Ela obedece sem resistir, e explicamos que este hábito pode ser perigoso para ela, que pode machucá-la. No entanto, ainda não conseguimos convencê-la do contrário, e logo em seguida lá está ela com mais pedrinhas...” (Relatório, 4º bimestre de 2013)

Bruna mostra compreender que não se pode colocar objetos na boca, pois, como citado acima, não se manifesta contra quando solicitado que os cuspa. Frequentemente, os objetos pegados funcionam como “brinquedos” que se reverberam repetitivamente, ou seja, o objeto serve para transformar angústia em prazer. Segundo Melaine Klein:

As atividades lúdicas da criança pequena... ajudam-na a vencer o medo dos perigos, tanto internos, quanto externos fazendo a imaginação comunicar-se com a realidade na sua luta contra a angustia. Com esse objetivo, o Ego explora cada um dos mecanismos ligados à realização dos desejos. Assim, graças a um complexo processo que mobiliza todas as energias egóicas, os brinquedos das crianças transformam a angústia em prazer. (KLEIN, 1932, apud xxxxx, ano, p.197)

Os relatos da interação de Bruna com o grupo nos permitem observar a importância de evidenciar para as crianças as diferenças entre os seres humanos, a individualidade e a singularidade de cada ser, sendo cada um de uma forma, se expressando cada qual de seu jeito.

“Também notamos que a interação da Bruna com as outras crianças da sala tem se tornado mais recorrente. Sentimos que ela tem se interessado pelos/as seus/as colegas e buscado algumas formas de interagir com eles vez ou outra. Por exemplo, uma ou duas vezes esse bimestre ela se aproximou de algum de seus colegas e o tocou nos braços, ou passou o pé em um deles, propositadamente.” (Relatório, 4º bimestre de 2013)

É de suma importância a interação com o outro, Bruna nos mostra seu interesse no outro, interagindo conforme sua forma particular.

Desde Freud e Lacan, sabemos que um sujeito não é dado, mas se constrói a partir de um Outro que lhe é prévio. Assim o simbólico não a aquisição, uma função entre outras a ser adquirida através do desenvolvimento, na interação com outro visto como meio ambiente, mas é o lugar mesmo de onde o sujeito deverá advir. (RIBEIRO apud , 2005, p.30.)

Nos trechos a seguir, conseguimos observar o questionamento de algumas crianças em relação a sua fala e a intervenção das educadoras trazendo novas concepções de comunicação, como por exemplo a corporal, utilizado por Bruna:

“Em outros momentos, em resposta à poucas vezes em que algumas crianças da sala perguntam o porquê da Bruna não falar, continuamos respondendo que ela possui outras formas de comunicação.” (Relatório, 3º bimestre de 2013)

“...algumas curiosidades surgiram em relação à nossa pequena: sobre sua fala e escuta, principalmente. Pensando nisso, procuramos iniciar um trabalho no grupo que tratasse das diferentes formas de comunicação existentes. Recolhemos na Vivendo diversos livros de história que trabalhassem com texturas e braille, por exemplo, e os exploramos com as crianças. Conversamos sobre o fato de que as pessoas comunicam seus desejos de diversas formas, sendo a palavra apenas uma delas.” (Relatório, bimestre 4º de 2013)

Relacionando à educação de estudantes com autismo, entendemos que seu processo de ensino e aprendizagem deve contemplar, necessariamente, uma criteriosa relação entre mediação pedagógica, cotidiano e formação de conceitos, possibilitando o encontro/confronto das experiências cotidianas no contexto em que elas ocorrem para formação de conceitos, quer sejam acadêmicos ou não, em sua maior internalização consciente do que está sendo vivenciado e concebido. (ORRÚ, 2012, p.195)

Como precisamos da intervenção do educador na aproximação e no reconhecimento do Outro e do outro, é necessário, frequentemente, propiciar momentos de aproximação das crianças junto à Bruna a fim de uma maior interação entre elas. Vimos isso no trecho abaixo:

“Nesse bimestre tivemos o aniversário da Bruna na sala azul, onde planejamos o dia em virtude dos seus interesses com comidas que ela gosta, brincadeiras e atividades. Juntamente com o ciclo 2, a turma do irmão Júlio, fizemos uma grande brincadeira com lama no parque. As crianças tiraram as roupas, pegamos mangueira com água e partimos para a diversão! Bruna mais que adorou, e a turma toda entrou na onda, brincando e se sujando, molhando uns aos outros. Ela ficou muito à vontade de estar no grupo, fazendo algo que gosta. Pudemos perceber que há uma interação maior dela no grupo em atividades pelas quais se interessa mais”. (Relatório, 2º bimestre de 2014)

É muito importante que os educadores impliquem as crianças no processo de inclusão com autismo no grupo, não sendo somente eles os centralizadores das mediações. É importante dar voz ao grupo para unir a criança com autismo ao grupo, devendo-se, portanto, criar estratégias para que as crianças também sejam esses mediadores e façam essas intervenções. Conseguimos observar essas ações de construção coletiva de inclusão a seguir:

“Nas atividades do fora temos chamado a atenção das crianças para trazê-la para as atividades, já que na maioria das vezes ela prefere explorar outros espaços enquanto fazemos alguma brincadeira coletiva. Houve vários momentos em que falamos para as crianças irem buscá-la, e as crianças vão até ela, a pegam pela mão e levam para participar da brincadeira. Esse tem sido um movimento que tem ocorrido sempre, as

crianças percebem sua falta nas atividades e vão buscá-la para participar. Achamos que temos avançado no seu processo de socialização com as crianças, que percebem Bruna como parte do grupo, começando a compreender sua forma de interação e comunicação.” (Relatório, 2º bimestre de 2014)

Sendo assim é importante enfatizar que:

A importância do grupo para o desenvolvimento dos alunos com necessidades especiais está dada pela relevância do diálogo, com todos os processos que ele pressupõe de contradição, confrontação, reflexão e complementação, processos esses que acontecem com a presença ativa de um outro real ou imaginário, e que estimulam o aluno a se posicionar perante o outro. (GONZÁLEZ REY, 2011, p.65)

Um dos grandes desafios para a criança com autismo é se manter muito tempo atenta a determinada atividade. Dessa forma, é importante insistir de forma não invasiva com a criança, para que ela compreenda que os espaços têm suas organizações. Essa atitude é importante também para que ela entenda que há momentos na vida em que ela terá que esperar em um determinado lugar, portanto ela deve aprender a lidar com esse tempo. Observamos isso no trecho abaixo:

“No circuito, por exemplo, ela tem gostado bastante de pular janelas, escalar bancos, cordas, atravessar camas de gatos e tuneis. Nossa menina tem pressa em chegar sua vez de atravessar o circuito, porém tem começado a compreender que precisa esperar até que seja a sua hora.” (Relatório, 2º bimestre de 2014)

No seguinte trecho, conseguimos observar a mediação das educadoras no processo de remover Bruna de sua zona de conforto quando ela se distancia do grupo e entra em seu mundo particular. As educadoras tentam proporcionar novas experiências concernentes à relação dela com o outro ou, ainda, a exploração de novas possibilidades de aprendizagem. Conseguimos ver que, em pouco tempo, a partir dessa intervenção, Bruna passou a se interessar mais pelo grupo e pelas atividades propostas.

“Nessas primeiras semanas, logo que íamos fazer alguma atividade Bruna se distanciava do grupo e ia brincar com lama ao lado da sala rosa. Observando esse movimento, fizemos um combinado com a pequena que só iria brincar naquele cantinho na hora que acabasse a aula, pois era importante ela participar das atividades com o grupo e experimentasse novas possibilidades, nos primeiros dias ela ficou muito irritada, mas com o tempo ele internalizou o combinado, pois agora tem procurado muito pouco o cantinho durante as atividades.” (Relatório, 3º bimestre de 2014)

Isso se confirma no seguinte trecho;

“Observamos que essas intervenções de tirá-la da zona de conforto (fazer só o quer) a provocando têm a ajudado a se focar cada vez mais e naturalmente, ela começou a participar mais das atividades e passar mais tempos nelas. Bruna tem participado de

todos os foras, brinca um pouquinho e dá uma voltinha e torna a voltar, agora ela já tem brincado perto de onde o fora está acontecendo” (Relatório 3º bimestre de 2014)

E o corpo fala! Bruna encontrou uma forma de se comunicar e se expressar com o mundo de uma forma bem particular: corporalmente. Vimos nos relatos que as educadoras se preocupam em estimular e proporcionar espaços para a fala de Bruna, respeitando e acolhendo sua forma de ser e se comunicar e, também, trabalhando no grupo, quando questionadas pelas crianças.

“Bruna se comunica de forma corporal. Sabemos quando está irritada, nervosa, quando não está gostando e também quando está gostando. Quando quer pedir algo nos mostra, aponta, nos pega pela mão mostrando o que deseja. Quando está feliz, sorri, dá pulinhos de alegria, e às vezes sorri sapeca sabendo que está fazendo algo que não deveria como jogar objetos dentro do vaso ou jogar objetos pela janela, então explicamos que não pode, e muitas vezes quando vamos fazer a intervenção ela solta um sorrisinho, como quem sabe que não pode, mas quer fazer mesmo assim.” (Relatório, bimestre 2º de 2014)

Nos relatos conseguimos observar que Bruna descobre e desbrava um pouquinho do mundo a cada dia, permitindo-se sentir novas sensações a partir de novas descobertas.

“Nas últimas semanas Bruna descobriu as árvores do parque, subiu sozinha em uma baixinha e logo quis subir nas três maiores que ficam dentro do quadrado de areia. Agora, todos os dias assim que chega ao parque, pede a algum educador que a ajude a subir nas árvores e assim ela vai desvendando aquele labirinto natural e agradável[.]” (Relatório, bimestre 3º de 2014)

O significado, nessa primeira fase da vida, depende, mais que qualquer outra, da ação corporal. (FREIRE, 1994, p.20)

João Batista (1994) fala da importância da construção dos significados para as crianças, sendo nessa primeira fase da vida, a ação corporal a mais importante. Como já mencionado anteriormente, em nosso corpo estão inscritos muitos significantes, marcas do outro e do mundo.

Um dos grandes objetivos da escola *Vivendo e Aprendendo* é que as crianças se tornem seres autônomos, capazes de gerir suas próprias vidas de forma independente. Ainda atualmente não se sabe com certeza a origem do autismo, apesar das várias linhas e teorias sobre o tema. Conseguimos ver essa construção da autonomia no relato abaixo:

“Bruna está bastante autônoma, chega guarda seus sapatos na caixa, coloca sua mochila no gancho, no lanche pega a lancheira come e guarda seu lanche e em seguida nos pede a escova e escova os dentes. Em relação ao xixi, temos que lembrá-la de ir ao banheiro para não fazer na roupa, mas só falamos: “Bruna vai lá no banheiro fazer xixi”, e ela já tem ido sozinha”. (Relatório, bimestre 4º de 2014)

Nos relatos lidos a partir da reflexão das educadoras que acompanharam Bruna nesse processo de desenvolvimento, conseguimos ver um enorme avanço na sua forma de percepção e interação com o mundo e com o outro. Conseguimos ver, claramente, que Bruna faz parte de um grupo que respeita suas especificidades e sua forma de ser.

[...] a proposta de educação inclusiva traduz uma aspiração antiga, se devidamente compreendida como educação de boa qualidade para todos e com todos buscando-se meios e modos de remover as barreiras para a aprendizagem e para a participação dos aprendizes, indistintamente”. (CARVALHO, 2004, p.64)

A escola deve ser um lugar acolhedor, que ajude as crianças a se descobrirem a partir da construção do laço social com o outro. Dessa forma, elas descobrem o mundo e suas vastas possibilidades de se colocarem perante ele.

Uma pedagogia precisa verdadeiramente ser na escola, ou seja reconhecer a singularidade de cada sujeito e assim planejar, construir alternativas para potencializar a curiosidade de crianças, adolescentes, jovens, adultos e/ ou idosos e, principalmente, possibilitar criação, socialização, aprendizagem e autonomia com corresponsabilidade na escola. Numa escola disponível para o saber da vida, do outro, da natureza, das gerações, da deficiência, das diferenças etnoraciais e de orientação sexual, a diferença é uma constante, e não uma exceção. Se não mudarmos o modelo de escola a partir de uma formação docente plural, dificilmente sairemos dos adjetivos: educação ainda precisará ser especial e a escola, inclusiva. Uma escola verdadeira é uma escola que acolhe, inclui, provoca, tutora, questiona e acompanha sujeitos em seus processos diferenciados de desenvolvimento e aprendizagem. (RODRIGUES, 2012, p.69)

Segundo a citação acima, conseguimos ver claramente uma pedagogia que se preocupa e enxerga cada ser como único, que respeite as limitações e as forma de ser individuais. Precisamos revolucionar e transformar a escola, para que possamos valorizar as diferenças e potencialidades de cada um, preparando, assim, todos para a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever este ensaio, percebi as muitas nuances em estar viva dentro de um corpo, corpo esse que nos permite estar com o outro e, por consequência, interagir com o mundo. O corpo é um contingente riquíssimo, a nossa verdadeira morada rumo à descoberta incessante de aprendermos a nos relacionarmos com o mundo que nos cerca.

O autista é, em resumo, segundo muitos estudos relacionadas a comportamentos, um tipo de sujeito que apenas está no mundo de uma forma diferente da “normal”.

Foi muito bom ver nos relatos das educadoras de Bruna a forma como elas a respeitavam em sua forma de ser. Bonito ver o trabalho dos educadores para que ela conseguisse lidar com o que a cerca, a luta para proporcionar diversas formas de aproximação do Outro e do outro.

Como eu sou uma das educadoras de Bruna, é muito bom ver todos os seus avanços no desenvolvimento e vê-la crescer, pois ela é um sujeito repleto de vontades e querer, tem a sua forma particular de enxergar e estar no mundo e apresenta uma grande sede pela descoberta, sendo o seu corpo a forma intensa com a qual ela entra em contato com o novo e experiencia o mundo que a cerca.

Nesse sentido, a escola é a possibilidade da amarração do laço social e das inscrições do laço social, portanto o corpo também é constituído pela escola.

PARTE 3- PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Difícil pensar o futuro e colocá-lo em novas perspectivas se não sabemos exatamente como será o dia de amanhã. No entanto, todos os caminhos percorridos na estrada da vida me fizeram chegar ao momento atual de uma forma completamente apaixonante, sendo lindo acompanhar o desabrochar da infância como educadora na educação infantil. No atual momento, sou professora na Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo, onde pretendo ficar. Vislumbro para o futuro trabalhar com arte e educação em comunidades carentes a partir de projetos sociais. Talvez eu resolva integrar, na linguagem do circo, essas ideias e persistir na vida artística que tem cruzado de forma natural meu caminho. Quem sabe...um dia após o outro para descobrir!

Só tenho uma certeza: o futuro é incerto e pode nos surpreender!

REFERÊNCIAS

BRASIL. RESVISTA. ESCREVENDO E APRENDENDO. Ano 1,número 1. Brasília, DF, 1998.

www.inapea.com - (eslads) Prof. Dr. José Raimundo Fación. **Entendendo o transtorno do espectro autismo**. Instituto Nacional de Pós-Graduação e Eventos Acadêmicos-INAPEA, 2014.

www.conceito.de/corpo - **Conceito de corpo**. Acesso: 28 de fevereiro de 2015.

QUINET, Antonio. **Psicose e laço social**, esquizofrenia, paranóia e melancolia, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

CHRISTINE, Marie Laznik. **A voz da sereia**, O autismo e os impasses na constituição do sujeito: Ágalma, Bahia, 2004.

LACAN, Jacques. **El Seminario 2 – El Yo em la Teoria de Freud y em la Técnica Psicoanalítica**. Buenis Aires: Paidós, [1978], 1983.

JERUSALINSKY, Alfredo. **Psicanálise do autismo**, 2ª edição revisada e ampliada, São Paulo: Instituto Langage, 2012, p.11.

MARIE, Jeanne de Leers Costa Ribeiro. **A criança autista em trabalho**, Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

ESTER, Sílvia Orrú. *Trajetória, avanços e desafios na concepção de educação de educandos com autismo* **Estudantes com necessidades especiais**, singularidade e desafios na prática pedagógica inclusiva. In: ESTER. S. O. (org.) , 2012, p.195 e 183)

CARVALHO, Fernando. **Educação inclusiva:** com os pingos nos “is”. Porto Alegre: Mediação, 2004.

GONZÁLEZ, Rei, F. L. *Possibilidades de aprendizagem: ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência.* **Os aspectos subjetivos no desenvolvimento de crianças com necessidades especiais:** além dos limites concretos do defeito. In: MARTÍNEZ, A. M ; TACCA, M.C.V. R. (orgs.) Campinas: Alínea, 2011, p.65.

BATISTA, João Freire. **Educação de corpo inteiro,** teoria e praticada educação física. São Paulo: Scipione, 1994, p.20

CAVALCANTE , Diego Rocha. CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n. 9, set./2005, p. 53. <http://www.cchla.ufpb.br/caos> , apud. RODRIGUES, José Carlo.

LIMA, Marcio José. **O “CORPO” E A CRÍTICA À MODERNIDADE NO PENSAMENTO DE FRIEDRICH NIETZSCH.** 2012, p.113. apud: DESCARTES, Renê.

SILVA, Érica Cassimiro/ FLÁVIO, Francisco Sales Galdino. **As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da Grécia antiga a contemporaneidade.** Revista Eletrônica: <http://www.ufsj.edu.br/revistalable> Μετάνοια, São João del-Rei/MG, n.14, 2012, pg. 77-78.

ROUDINESCO, Elisabeth/ PLON, Miche. **Dicionário de psicanálise.** Paris, França, 1997, p.558.

APÊNDICES 1:



Departamento de Teoria e Fundamentos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRES E ESCLARECIDO- TCLE

Pelo presente termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado(a) do objetivo geral da pesquisa *A constituição do corpo na criança com autismo*, realizada por Natália Dutra Cássia¹, estudante do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula Unb, nº 110064585, sob a orientação da Prof^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues².

O trabalho consiste na análise e reflexão dos relatórios do desenvolvimento de uma criança ao longo de dois anos, feito esses, pelos educadores que a acompanharam nesses períodos. Os relatórios serão base da discussão sobre o desenvolvimento corporal na criança com autismo.

Autorizo utilizar os relatórios de minha filha, sendo garantido o sigilo de seu nome e de todos os sujeitos participantes dos relatórios, como forma de preservar a identidade de cada um. Os benefícios recebidos serão em termo de produção de conhecimento, uma vez que possibilita refletir sobre os processos envolvidos no trabalho pedagógico com estudantes com autismo.

Informo que os dados e a identidade dos observados serão mantidos sob a reserva desta pesquisadora e não serão divulgados em nenhum meio impresso ou de discussão.

() concordo em participar do estudo.

Local e data:

Nome do(a) participante:

Assinatura da pesquisadora :

Brasília, _____ de _____ de 2015.



Departamento de Teoria e Fundamentos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRES E ESCLARECIDO- TCLE

Pelo presente termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado(a) do objetivo geral da pesquisa *A constituição do corpo na criança com autismo*, realizada por Natália Dutra Cássia¹, estudante do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula Unb, nº 110064585, sob a orientação da Prof^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues².

O trabalho consiste na análise e reflexão dos relatórios do desenvolvimento de uma criança ao longo de dois anos, feito esses, pelos educadores que a acompanharam nesses períodos. Os relatórios serão base da discussão sobre o desenvolvimento corporal na criança com autismo.

Autorizo utilizar os relatórios escritos por mim, sendo garantido o sigilo de meu nome e de todos os sujeitos participantes dos relatórios, como forma de preservar a identidade de cada um. Os benefícios recebidos serão em termo de produção de conhecimento, uma vez que possibilita refletir sobre os processos envolvidos no trabalho pedagógico com estudantes com autismo.

Informo que os dados e a identidade dos observados serão mantidos sob a reserva desta pesquisadora e não serão divulgados em nenhum meio impresso ou de discussão.

() concordo em participar do estudo.

Local e data:

Nome do(a) participante:

Assinatura da pesquisadora :

Brasília, _____ de _____ de 2015.



Departamento de Teoria e Fundamentos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRES E ESCLARECIDO- TCLE

Pelo presente termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado(a) do objetivo geral da pesquisa *A constituição do corpo na criança com autismo*, realizada por Natália Dutra Cássia¹, estudante do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula Unb, nº 110064585, sob a orientação da Prof^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues².

O trabalho consiste na análise e reflexão dos relatórios do desenvolvimento de uma criança ao longo de dois anos, feito esses, pelos educadores que a acompanharam nesses períodos. Os relatórios serão base da discussão sobre o desenvolvimento corporal na criança com autismo.

A Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo autoriza a utilização os relatórios escritos pelos(as) educadores(as), sendo garantido sigilo de nome e de todos os sujeitos participantes dos relatórios, como forma de preservar a identidade de cada um. Os benefícios recebidos serão em termo de produção de conhecimento, uma vez que possibilita refletir sobre os processos envolvidos no trabalho pedagógico com estudantes com autismo.

Informo que os dados e a identidade dos observados serão mantidos sob a reserva desta pesquisadora e não serão divulgados em nenhum meio impresso ou de discussão.

() concordo em participar do estudo.

Local e data:

Nome do(a) participante:

Assinatura da pesquisadora :

Brasília, _____ de _____ de 2015.

APÊNDICE 2:

RELATÓRIOS:

Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo
Relatório Individual
– Ciclo 2-
3º Bimestre de 2013
Criança: Bruna (nome fictício)

Bruna teve um retorno das férias muito tranquilo. Ela voltou com um sorriso e muitos abraços para nos dar. A relação com a educadora Leila de início já foi de muita receptividade e carinho. A cada dia, esta relação tem se aprofundado mais. Com a educadora Carol, através de um contato estabelecido desde o início do ano, percebe-se que existe hoje uma compreensão maior que vem sendo construída, no sentido de uma melhor percepção e comunicação mútua.

Temos sentido muito a falta de Bruna nas rodas iniciais e pensamos que é muito importante que ela passe a chegar no horário. Entendemos a dificuldade para realizá-lo, contudo, podemos afirmar que esta ausência dificulta a inserção de Bruna no grupo.

Temos percebido que durante as rodas de novidade, por exemplo, Bruna não traz nenhuma novidade de sua casa. Pensamos que é muito importante que ela comece a trazer, como uma forma de contato maior com as outras crianças da turma. Algo semelhante ocorre nas outras rodas e primeiras atividades em que Bruna deixa de participar, momento importantíssimo de socialização e organização para o grupo.

Por outro lado, percebemos que as crianças da sala amarela têm interagido mais com Bruna. A visita à sua casa foi fundamental neste processo, bem como atividades que proporcionaram uma partilha de interesses em comum entre ela e as outras crianças da turma. Foi o que ocorreu com diversas brincadeiras que realizamos com água, como lavagem de brinquedos e jogando pedrinhas, folhas e terra em balde com água.

O mesmo aconteceu através de atividades que proporcionam contato e interação com tinta, elemento que Bruna também adora. Fizemos circuitos que além de promoverem desafios ao desenvolvimento motor, também incorporaram estímulos sensoriais, como o “Circuito das sereias e sereios” e circuito com pés e mãos melecados de tinta, que Bruna adora! Ainda tem sido difícil estimulá-la para realizar a parte mais motora dos circuitos, trabalhando equilíbrio e força. Geralmente, ela fica muito pouco nestes instantes e logo sai para explorar outros cantos da Vivendo.

Aos poucos, estamos tentando trazê-la mais para participar destes momentos e percebemos que quando uma das educadoras a acompanha, ela tende a ficar por mais tempo e é exatamente isto que estamos fazendo cada vez mais. Apesar de preferir correr pela Vivendo do que participar das etapas dos circuitos, Bruna demonstra um

desenvolvimento de equilíbrio e força muito bons nos brinquedos do parque e em outras atividades realizadas em sala.

Como já mencionado neste relatório, a visita à sua casa foi um momento muito importante no processo de socialização de Bruna com as outras crianças da turma. Observamos que ela reagiu super bem à visita, tendo ficado bem animada em diversos momentos, brincando com as crianças no pula-pula e ficando próxima do grupo. Também foi muito importante que Lucas tenha ido à sala e contado a história do nascimento de Bruna para todas e todos da sala amarela. Este momento foi muito divertido, pois ele o elaborou com muita criatividade e o conduziu com muita atenção e animação. As crianças adoraram! Este contato maior entre as famílias e as crianças da sala é muito positivo e pensamos que ele colabora muito para a inserção das crianças no coletivo. Neste caso em específico, notamos que todas as crianças ficaram muito mais atentas à presença de Bruna, por saberem um pouco mais de sua vida e sua história.

Algumas crianças da turma continuam tendo uma relação de cuidado e de atenção em relação à Bruna. Em outros momentos, em resposta à poucas vezes em que algumas crianças da sala perguntam o porquê da Bruna não falar, continuamos respondendo que ela possui outras formas de comunicação. Estamos elaborando maneiras de trabalhar esta reflexão de forma mais cuidadosa, através de um mini-projeto sobre formas distintas de comunicação. Pensamos que é importante conversarmos com as crianças sobre as diferenças que existem entre as pessoas e que este processo é muito pedagógico para todas e todos nós!

No parque, Bruna tem brincado com baldinho e pá, assim como tem gostado de correr e catar pedrinhas. Continua subindo no trepa e balançando, mas com menor frequência. Ela tem aproveitado este momento para correr bastante com pedrinhas na mão. Algumas vezes, ela tem colocado pequenas pedras na boca. Nesta hora, pedimos que ela cuspa e isto ocorre sem problema. Daí, por vezes, alguns instantes depois ela volta a colocar outra pedrinha na boca. Conversamos com ela, que pode entrar alguma sujeira na boca e ela ficar doente.

Na hora do lanche, Bruna tem comido sua comida habitual. No início do bimestre ela não queria comer a banana que trazia, mas passou a fazê-lo com maior frequência depois de nosso estímulo. Ela continua bebendo toda sua água de coco e comido seu sucrilhos. Tem sentindo muito pouco interesse por provar outros alimentos fora os seus de costume. Nas nossas culinárias, ela não gosta de experimentar as comidas e quando oferecemos, ela afasta o prato. Sabemos que é importante respeitar esta escolha, mas sem deixar de buscar estimulá-la a comer outros alimentos.

Durante o fora, momento de muitos estímulos, em que Bruna adora correr pela pracinha afora e brincar à vontade com elementos como terra e água, estamos buscando incorporar atividades que cada vez mais estimulem a participação de Bruna juntamente com o restante do grupo. Pensamos que é importante que Bruna tenha alguns momentos livres durante o dia, para dar vazão à necessidade de explorar o ambiente ao seu redor

sozinha. Contudo, estamos trabalhando no sentido de também proporcionar outras possibilidades para ela, estimulando-a assim, a sair de sua zona de conforto.

Nossa pequena tem explorado muito o universo de brinquedos da sala. Por vezes a vemos com bonecas, bichos e dinossauros de plástico, panelinhas, etc. Isto é um fato muito importante, pois ela passa a observar os brinquedos minuciosamente e buscar formas de manejá-los. Em poucos momentos, Bruna tomou o brinquedo que outras crianças estavam brincando. Conversamos com Bruna, explicando que ela poderia brincar com todos os brinquedos da sala, contanto que outras crianças não estivessem brincando com eles naquele momento. Ao devolver o brinquedo para a criança, Bruna reagiu muito tranquilamente. Notamos que quando outra criança toma um brinquedo de sua mão, ela raramente reage reclamando ou com choro e muitas vezes, sai em busca de outro brinquedo. Explicamos também para as crianças, nas poucas vezes em que isto ocorreu, que devemos respeitar a Bruna e não tomar o brinquedo de sua mão, pois ela também não gosta.

Em relação às plásticas, Bruna continua demonstrando seu forte interesse por entrar em contato com materiais líquidos, como tinta, anilina e água, e explorar as possibilidades de uso desses materiais, ao utilizá-los no corpo e no papel. Nossa pequena está na fase da garatuja, quando o desenho é muito mais corporal do que com a intenção da representação. Bruna aproveita o momento para adaptar suas mãos às ferramentas que trazemos, por isso buscamos trazer materiais bastante diversos para nossa sala: giz de cera, giz pastel, lápis de cor. Cada um desses materiais exige forças, intensidades e manejos distintos, o que faz com que Bruna desenvolva cada vez mais sua coordenação motora fina e expresse sua criatividade.

Bruna tem um grande interesse por livros. Boa parte do seu tempo em sala, ela passa folheando os livros da sala amarela. Ela não tem sentado na roda de história, mas por vezes os fita sobre a mesa ou no chão. Em duas ocasiões, a trouxemos para a roda de história e ela ficou sentadinha escutando, mas sem olhar diretamente para o livro que estava sendo contado. Outras vezes, a trouxemos e ela permaneceu por pouquíssimo tempo, saindo da roda logo em seguida. Pensamos que é importante estimulá-la respeitando também seu ritmo e suas opções, processo que demora um pouco, mas que achamos ser mais construtivo. Estamos buscando nos organizar no sentido de uma de nós educadoras ficarmos com ela durante este momento de roda de história e irmos narrando para ela a história do livro. Já tentamos fazê-lo, mas ela puxou o livro para si e resistiu, demonstrando que ela queria ver o livro sozinha.

Em relação ao projeto do “Submarino Amarelo e os Mistérios do Mar”, notamos que Bruna se interessou muito por várias atividades propostas, especialmente as mais sensoriais, que dizem respeito às brincadeiras com água e plásticas com pintura, anilina e papelão. Durante o 4º semestre realizaremos mais atividades e dinâmicas que proporcionem uma oportunidade para Bruna interagir mais com o grupo e para que possamos aprofundar nossa viagem ao fundo do mar.

Nosso convívio na Vivendo e Aprendendo tem trazido muitas aprendizagens para a Bruna e para nós. Obrigada, mais uma vez, Maria e Lucas, pela parceria!

Com carinho,

Carol e Carla.

Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo

Relatório Individual

– Ciclo 2–

4º Bimestre de 2013

Criança: Bruna (nome fictício)

Período de Observação: 09/09 a 28/11

Neste quarto bimestre, em primeiro lugar, pudemos notar que Bruna aprofundou ainda mais a relação com suas educadoras. Se o vínculo com Carla já estava bastante estabelecido desde o início do ano, com Carol a relação foi se estreitando ao longo do semestre, ainda que a empatia e o carinho tenha sido imediato entre as duas. Pudemos notar que, cada vez mais, Bruna se aproxima de nós com um largo sorriso no rosto, nos enche de abraços e se aconchega em nosso colo. Quando ocorrem esses momentos de chamego, tentamos prolongar ao máximo o período de atenção compartilhada para que ela perceba como pode ser muito gostoso estar com o outro. Ao longo do bimestre, buscamos criar mais interações como essas, organizando nossa rotina de forma que uma de nós esteja sempre por perto para estimulá-la.

Também notamos que a interação da Bruna com as outras crianças da sala tem se tornado mais recorrente. Sentimos que ela tem se interessado pelos/as seus/as colegas e buscado algumas formas de interagir com eles vez ou outra. Por exemplo, uma ou duas vezes esse bimestre ela se aproximou de algum de seus colegas e o tocou nos braços, ou passou o pé em um deles, propositadamente. Também sentimos que no bimestre anterior Bruna se sentia mais incomodada em momentos em que todos/as estávamos juntos/as, como as rodas de história ou ainda alguma atividade plástica que reunia a todos/as ao redor da mesa. Se por um lado este incômodo parece persistir, agora várias vezes ela se aproxima do grupo e senta espontaneamente para ouvir uma história ou, ainda que mantenha certa distância, acompanha atentamente o que está acontecendo. Bruna parece estar cada vez mais observadora e atenta ao mundo a seu redor!

As outras crianças do grupo, em um processo que vem ocorrendo progressivamente ao longo do ano, também tem notado mais sua presença. Isso nos parece muito positivo, pois possibilita que a Bruna se aproxime mais do grupo. Neste bimestre, algumas curiosidades surgiram em relação à nossa pequena: sobre sua fala e escuta, principalmente. Pensando nisso, procuramos iniciar um trabalho no grupo que tratasse das diferentes formas de comunicação existentes. Recolhemos na Vivendo diversos livros de história que trabalhassem com texturas e braile, por exemplo, e os exploramos com as crianças. Conversamos sobre o fato de que as pessoas comunicam seus desejos de diversas formas, sendo a palavra apenas uma delas. Em seguida, fizemos uma atividade em que a regra era se comunicar corporalmente e não verbalmente - uma espécie de "imagem e ação", na qual tínhamos algumas cenas a serem representadas e as outras crianças tinham que adivinhar. Esse momento foi um grande sucesso na turma!

Esse tipo de atividade ocorre simultaneamente ao trabalho cotidiano que fazemos quando alguma criança levanta questões sobre a fala da Bruna. Nestes momentos, explicamos para as crianças que a Bruna fala algumas palavras, mas que cada pessoa tem

seu ritmo e aprende no seu tempo o que muitas vezes é entendido e lembrado inclusive por várias crianças da turma. Acreditamos que promover a integração entre Bruna e seus colegas é fundamental, tanto para nossa pequena, como para o restante da turma: desta forma, todos/as vamos aprendendo a entender e respeitar as diferenças que cada um/a de nós apresenta. Trata-se de um trabalho de apreciar a diversidade, que reconhecemos que deve ser feito a longo prazo e com cada vez mais profundidade.

Seguramente, temos notado um grande desenvolvimento na nossa comunicação com Bruna. Se no terceiro bimestre ela parecia estar mais introspectiva, nos últimos meses, percebemos que ela demonstra estar muito mais atenta ao que estamos dizendo. Várias vezes, Bruna nos olha quando conversamos com ela e responde ao que pedimos imediatamente com suas ações. Para exemplificar esse seu entendimento e interação com nossos comandos, vale relatar um pouco de nossa rotina depois do parque.

No bimestre anterior, Bruna entrava na sala e logo se dispersava com os brinquedos, muitas vezes era preciso acompanhá-la para que fosse lavar a mão. Em seguida, a conduzíamos até a lancheira, auxiliávamos a tirá-la dali. Depois, Bruna se sentava a mesa e solicitava ajuda para que abríamos sua lancheira, garrafinhas e potinhos. Ela tinha dificuldade em permanecer sentada durante o lanche, muitas vezes caminhava pela sala com o seu cereal na mão, distraído se novamente com os brinquedos. Ao final do lanche, a auxiliávamos a guardar seus pertences e íamos com ela até a mochila em busca de sua escova de dentes. Por vezes, abríamos o zíper de sua mochila para que ela a encontrasse e então seguia para a escovação.

Neste bimestre, no entanto, percebemos que muitas vezes depois do parque ela se encaminha sozinha para a pia, ou basta um simples lembrete sobre a rotina para que Bruna lave as mãos. Logo em seguida, se aproxima de sua lancheira e solicita que uma de suas educadoras a ajude. Durante o lanche, ela ainda aprecia dar uma voltinha pela sala, provavelmente para se autorregular, mas sentimos cada vez mais ela é capaz de permanecer por mais tempo a mesa, concentrada no seu lanche. Depois que a ajudamos a guardar sua lancheira, várias vezes apenas falamos de longe que é hora de escovar os dentes e Bruna abre imediatamente sua bolsa e pega a escova. Ela compreende e responde com rapidez às nossas orientações, não apenas neste momento, mas também em outras ocasiões cotidianas.

Em nossa interpretação, essa mudança no comportamento de Bruna está relacionada com a série de tratamentos e acompanhamentos que ela tem feito, mas não só. Acreditamos que ela está cada vez mais segura na Vivendo e se apropriou muito da rotina que temos em sala de aula, o que contribui para sua autonomia e para nossa interação. Ao longo desse bimestre, tentamos criar com ela também outras rotinas só nossas, por exemplo, ir ao banheiro entre uma atividade e outra. Infelizmente, devido a todas as demandas que temos na sala, nem sempre conseguimos manter a regularidade que queríamos com este hábito - no entanto, consideramos que é um esforço que vale a pena ser mantido, pois é de fundamental importância para sua organização.

Ainda no sobre os desafios relativos ao comportamento de Bruna, temos sentido outra dificuldade: ela passa boa parte do tempo colocando pedrinhas em sua boca, costume que já vem de bimestres anteriores. Ainda que nossa pequena não tenha a intenção de engoli-las, nos preocupamos com medo que isso possa ocorrer por acidente e também com a contaminação por vermes e bactérias. Assim, sempre que a vemos com

pedras na boca, pedimos que ela as cuspa. Ela obedece sem resistir, e explicamos que este hábito pode ser perigoso para ela, que pode machucá-la. No entanto, ainda não conseguimos convencê-la do contrário, e logo em seguida lá está ela com mais pedrinhas... Enquanto não encontramos uma intervenção eficaz, continuamos prestando bastante atenção nestes momentos, para evitar qualquer perigo.

Outro fator que nos chamou muita atenção no desenvolvimento da Bruna foi sua participação nos circuitos motores. Neste período, nos dedicamos ainda mais a sempre criar uma oportunidade para que ela também se aventurasse nos desafios motores que oferecemos para a turma. No bimestre anterior, ela se atraía especialmente para circuitos que misturavam outros fatores de seu interesse, como tintas e "gosminhas" que a atraíssem por conta da experimentação de texturas. Neste bimestre, no entanto, ela várias vezes aceitou com entusiasmo nosso convite a acompanhá-la nos circuitos e, muitas vezes, após realizá-lo de mãos dadas conosco, seguia o percurso por conta própria, ou nos solicitava para repeti-lo com ela. Esse momento é importante tanto por que ela participa de uma atividade com toda a turma como também para desafiar sua coordenação motora global, o que ela parece apreciar bastante.

Em relação a nosso projeto, Bruna demonstra grande interesse pelos temas que estudamos na sala amarela. Quando acompanha as rodas, ainda que distante, joga algumas olhadelas para o que estamos fazendo e se envolve nas atividades plásticas que oferecemos, principalmente por elas apresentarem grande diversidade de materiais e texturas.

Mas o que definitivamente chamou nossa atenção em relação ao projeto foi seu olhar curioso para as fotos que preencheram nossas paredes. Neste bimestre, fizemos muitas pesquisas e trouxemos diversas imagens para descobrirmos as peculiaridades e graças de animais do fundo do mar, como a água-viva ou os peixes abissais. A própria capitã Zigfrida mandou fotos de suas viagens e dela mesma se preparando para um mergulho! Após as rodas de pesquisa, essas fotos foram coladas em cartazes que foram espalhadas pela nossa sala, sempre à altura dos olhos das crianças. Bruna passou tempos incontáveis olhando e tocando essas imagens, imersa naquele novo universo!

Às portas do final do ano, já dá um apertinho de saber que em breve começarão as férias e que a saudade de nossa querida Bruna já já vai nos atingir em cheio! Mas que gostoso foi conversar com ela, receber seus afagos e sorrirmos juntas! Bruna cresceu muito ao longo deste ano e a nossa alegria por ter podido participar deste percurso é algo que não podemos mensurar.

Assim, não poderíamos finalizar esse relatório sem mais uma vez agradecer a oportunidade de conviver e aprender todos os dias com nossa Bruna, além de todo o carinho que recebemos de vocês! Tampouco podemos deixar de comentar do bolo, em forma de submarino, que Maria fez para o aniversário da Carol! Esse tipo de cuidado faz nossos corações se aquecerem e ressaltam em nós o espírito associativo da Vivendo, coisa da qual estamos muito precisados/as de lembrar!

Muito obrigada por este ano e um milhão de beijinhos subaquáticos,
Carla e Carol.

Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo
Relatório Individual
– Ciclo 3-
2º Bimestre de 2014
Criança: Bruna (nome fictício)

Bruna é muito carinhosa, distribui sorrisos e abraços para vários educadores e educadoras da Vivendo. Nossos laços afetivos estabelecidos no primeiro bimestre foram reafirmados nesse segundo. Ela adora brincar de cócegas com suas professoras, sorri e se diverte em muitos momentos de interação como estes.

Ao chegar, sempre na hora do parque, vai com seus pais ou alguma educadora deixar sua mochila no ganchinho da sala, onde tem o nome com fotos de todas as crianças, cada uma tem um ganchinho para colocar seus pertences ao chegarem à sala. Além de fazer parte da rotina, esse costume contribui para a autonomia e identificação das crianças. Em seguida Bruna tira e guarda o sapato na caixa e vai ao banheiro fazer xixi juntamente com os pais, esses momentos são importantíssimos para a construção da autonomia, e só depois vai ao parque brincar livremente.

Quando Bruna chega ao parque, uma das educadoras vai até ela, sendo recebidas com sorrisos e abraços com muito afeto. Bruna nos abraça e fica atenta a nossas falas. Muitas vezes conversamos no trepa, brinquedo do parque, onde nos olha atentamente - principalmente nesse momento de chegada e interação no parque. Bruna adora explorar o parque, penso que seja o momento da rotina que ela mais goste. Ela explora os brinquedos, principalmente o foguete e o trepa onde se pendura, sobe, desce, o que contribui para sua força e equilíbrio. Brinca com folhas e areia. Bruna gosta muito de brincar com areia molhada, e nesses momentos fora da sala ela tem procurado bastante por esses elementos.

Observamos que ela tem usado o próprio xixi para molhar a terra para brincar, essa tem sido uma ação recorrente não só para molhar a terra, mas tem usado o xixi para explorar outros ambientes e objetos. Um exemplo: certo dia, durante uma atividade de desenho na sala, na hora de guardar o giz, ela brincava com o pote que usamos para guardar e quando vimos estava fazendo xixi dentro dele; em outra ocasião fez xixi dentro da caixa de sapatos, e outra vez dentro do carrinho de um dos colegas. Estamos sempre conversando e orientando-a a ir ao banheiro fazer xixi, dizemos a ela para não fazer na roupa, para ir ao banheiro sempre que sentir vontade. Passamos assim, a leva-la ao banheiro em tempos mais curtas para que crie o hábito e comece a ir sozinha quando necessário. Temos percebido uma grande evolução na sua autonomia e muitas vezes ela não precisa de ajuda e faz tudo sozinha.

Temos também levado água para que ela brinque e explore elementos na hora do parque. Ela tem assimilado esse processo, e em momentos dentro da sala já tem ido ao banheiro sozinha sem precisar de nenhum acompanhamento ou intervenção. Achamos importante a continuação do trabalho de autonomia em outros espaços além da vivendo.

Nesse bimestre tivemos o aniversário da Bruna na sala azul, onde planejamos o dia em virtude dos seus interesses com comidas que ela gosta, brincadeiras e atividades. Juntamente com o ciclo 2, a turma do irmão Breno, fizemos uma grande brincadeira com lama no parque. As crianças tiraram as roupas, pegamos mangueira com água e partimos para a diversão! Bruna mais que adorou, e a turma toda entrou na onda, brincando e se sujando, molhando uns aos outros. Ela ficou muito à vontade de estar no grupo, fazendo algo que gosta. Pudemos perceber que há uma interação maior dela no grupo em atividades pelas quais se interessa mais.

Nas atividades do fora temos chamado a atenção das crianças para trazê-la para as atividades, já que na maioria das vezes ela prefere explorar outros espaços enquanto fazemos alguma brincadeira coletiva. Houve vários momentos em que falamos para as crianças irem buscá-la, e as crianças vão até ela, a pegam pela mão e levam para participar da brincadeira. Esse tem sido um movimento que tem ocorrido sempre, as crianças percebem sua falta nas atividades e vão buscá-la para participar. Achamos que temos avançado no seu processo de socialização com as crianças, que percebem Bruna como parte do grupo, começando a compreender sua forma de interação e comunicação. Bruna tem participado mais das atividades a partir de nossas intervenções.

Temos orientado e conversado com a Bruna sempre antes dos acontecimentos, como por exemplo: Depois que “chamamos o galo” no parque, agachamos até a seu alcance e explicamos que agora é hora de ir para a sala, lavar as mãos e lanchar. Como parte do processo ela está se apropriando e significando a rotina, e muitas vezes vai à sala sem precisar de alguém para ir junto. Algumas vezes se dispersa e vai para outros lugares, daí vamos até ela novamente, explicamos de novo, a levamos para lavar as mãos, e pegar sua lancheira.

Na hora do lanche ela tem passado a maior parte do tempo concentrada comendo seus floquinhos de milho sentada no banquinho da sala. Temos tentado estimulá-la na fala, pedindo para que ela fale ou peça para abrimos sua garrafinha de água, em alguns momentos ela balbucia alguns sons, então abrimos a garrafinha, não se delongando muito na intervenção. Algumas vezes como forma de tentar a interação dela com as crianças, pedimos para que ela peça para alguma criança- ajudá-la em vez de só nós educadoras. As crianças demonstram prontidão em ajudar, e se demoramos para abrir a garrafa, as vezes Bruna começa a ficar nervosa e então alguma criança se dispõe a abrir logo. Após o término do lanche, Bruna guarda seu lanche sem precisar de muita ajuda, ajudamos a fechar a garrafa e o potinho com sucrilhos e ela sozinha fecha o zíper da lancheira sem esforço e coloca no seu ganchinho. Logo depois, pega sua escova de dente e vai até o banheiro, brinca e se diverte enquanto escova os dentes.

Bruna não se interessa pelas culinárias, porém ela chega sempre na hora do parque e acaba não participando da roda inicial que é onde exploramos os ingredientes, experimentamos, comparamos gostos, medidas, trabalhamos a matemática e preparamos a receita do dia escolhida pelas crianças. Achamos importante que ela chegue para a roda inicial pelo menos em alguns dias como na culinária, em alguma roda importante

sobre o projeto, atividades de letramento. Queremos Bruna presente também nas rodas de música, que também costumam ser na roda inicial, para que ela assimile e signifique os processos de aprendizagem desenvolvidos na sala azul. A roda inicial é um momento muito importante, onde as crianças podem se expressar, onde conversamos sobre o dia, e onde começa nossa rotina.

Houve alguns dias em que ela comeu algo que não fosse o sucrilhos. No dia do natural, não lhe oferecemos o sucrilhos para ver se ela comeria alguma outra coisa, e então ela pegou uma banana na mesa, primeiro explorou e brincou com ela, depois tirou a casca e comeu até a metade. Outro dia comeu uma maçã que estava na mesa. Queremos incentivá-la a participar mais das culinárias, buscando para ela outras formas de comunicação e escolha dos ingredientes, fazendo também algumas receitas que ela goste de comer, trazendo também para o grupo seus gostos e interesses.

Dentre as áreas do conhecimento, Bruna se interessa muito pelas atividades de artes, prioritariamente artes plásticas, com elementos pastosos ou líquidos como água, tinta, pintura corporal. Temos a incentivado a participar por mais tempo também de atividades que ela não se interessa tanto, e ela tem começado a se interessar bem mais. No circuito, por exemplo, ela tem gostado bastante de pular janelas, escalar bancos, cordas, atravessar camas de gatos e tuneis. Nossa menina tem pressa em chegar sua vez de atravessar o circuito, porém tem começado a compreender que precisa esperar até que seja a sua hora.

Bruna se comunica de forma corporal. Sabemos quando está irritada, nervosa, quando não está gostando e também quando está gostando. Quando quer pedir algo nos mostra, aponta, nos pega pela mão mostrando o que deseja. Quando está feliz, sorri, dá pulinhos de alegria, e às vezes sorri sapeca sabendo que está fazendo algo que não deveria como jogar objetos dentro do vaso ou jogar objetos pela janela, então explicamos que não pode, e muitas vezes quando vamos fazer a intervenção ela solta um sorrisinho, como quem sabe que não pode, mas quer fazer mesmo assim. Por outro lado, tem compreendido muitos dos nossos pedidos, como tirar a roupa para fazer xixi, jogar o papel no lixo, guardar a lancheira. Às vezes, em um ato de quem não está gostando e quer ir embora, pega o sapato durante a roda de história e vai até alguma educadora, expressando que quer ir logo para casa.

Temos percebido seu interesse pelas letras e números nesse segundo bimestre, onde começamos a trabalhá-los tendo em vista a necessidade e curiosidade do grupo. Fizemos calendários, escrevemos os números até 20 e colamos na parede, fizemos atividades com letras escritas e com letras de EVA. É importante que as crianças entrem em contato com as letras e o mundo letrado de forma espontânea e lúdica, como temos feito na sala azul.

Durante essas atividades, Bruna não demonstra interesse quando está no grupo, se concentrando melhor quando tem menos movimento ao seu redor. Percebemos seu interesse, quando em vários momentos ela vai até o calendário ou até os números colados na parede e fica olhando atentamente. Nesses momentos vamos com ela,

mostramos e falamos como é cada número ou letra, ela olha atentamente, letra por letra, número por número, os explora com os olhos e com as mãos.

Fizemos uma atividade de elefante das letras, atividade de identificação, onde ficavam algumas letras coladas na parede, e então as crianças de longe esperavam até que uma de nós falasse: “Elefante das letras...”, e as crianças respondiam: “Que letra?”. Então falávamos uma letra e elas corriam até a letra falada. Foi uma atividade muito divertida, Bruna acompanhada de uma das educadoras ficou atenta às letras. Precisamos explorar mais formas de estimulá-la já que ela demonstra interesse.

Bruna gosta muito de brincar com quebra-cabeças e tem avançado bastante no raciocínio lógico. Nesses momentos ela fica muito concentrada, e com pouca ajuda chega a montar dois quebra-cabeças inteiros. Algumas vezes quando a atividade acaba e ela ainda quer continuar montando, fica irritada com as crianças apressadas em guardar as peças. Percebemos também seu interesse pelos legos e brinquedos de montar. Precisamos explorar mais essa sua habilidade, pois contribui em muitos aspectos, como motricidade e raciocínio lógico.

Bruna é uma criança muito querida, estamos sempre sentindo sua falta nos primeiros momentos na sala azul, pois sua participação é muito importante para nós. Estamos felizes com o avanço dos processos e motivadas a contribuir sempre.

Um forte Abraço,

Júlia.

Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo
Relatório Individual
– Ciclo 3-
3º Bimestre de 2014
Criança: Bruna (nome fictício)

E assim começamos um novo semestre repleto de novos desafios e descobertas! Bruna chegou das férias toda animada, muito sorridente, demonstrando a saudade através de seus abraços carinhosos.

Observamos que a pequena chegou explorando toda Vivendo, saltitando alegremente. Nas primeiras semanas, Bruna foi se readaptando ao espaço e a rotina. Na primeira semana ela estava bastante dispersa, nos falávamos com ela e a sapeca fingia não escutar, não queria guardar a lancheira sozinha, quando estávamos voltando para sala do parque, ela se distraía facilmente e ia para outro lugar. Os dias foram se passando e em pouco tempo Bruna foi se reorganizando na rotina da escola.

Nessas primeiras semanas, logo que íamos fazer alguma atividade Bruna se distanciava do grupo e ia brincar com lama ao lado da sala rosa. Observando esse movimento, fizemos um combinado com a pequena que só iria brincar naquele cantinho na hora que acabasse a aula, pois era importante ela participar das atividades com o grupo e experimentasse novas possibilidades, nos primeiros dias ela ficou muito irritada, mas com o tempo ele internalizou o combinado, pois agora tem procurado muito pouco o cantinho durante as atividades. Observamos que essas intervenções de tirá-la da zona de conforto (fazer só o quer) a provocando têm a ajudado a se focar cada vez mais e naturalmente, ela começou a participar mais das atividades e passar mais tempos nelas. Bruna tem participado de todos os foras, brinca um pouquinho e da uma voltinha e torna a voltar, agora ela já tem brincado perto de onde o fora está acontecendo.

Fizemos um circuito de Posêidon que ela gostou bastante, dava pulinhos com aquela água misteriosa caindo das árvores, algumas vezes de distanciava para o cantinho do lado da sala rosa, mas logo íamos até lá chamando a para brincar com todo mundo, que não havíamos combinado de brincar lá, ela logo que me via saía correndo pro meio da pracinha, ela já tem internalizado que brincar no cantinho da sala rosa é só quando combinamos.

Bruna descobre o mundo através de suas bordas sensoriais (a pele), pensando nisso fizemos uma series de atividades de exploração sensoriais ao longo do bimestre. Fizemos atividades com argila, água, terra, com bases e texturas diferentes, Bruna se envolveu bastante explorando e testando possibilidades.

Bruna também tem um grande interesse em atividades que estimulam o raciocínio lógico, como alguns jogos de mesa, as crianças até dizem umas paras outras quando alguma criança não consegue montar um quebra-cabeça, para pedir ajuda a

Bruna, que ela é muito boa nisso. Nas atividades ela fica muito concentrada e mostra uma facilidade grande nas associações das peças.

Como mencionado acima, Bruna tem experimentado mais alguns momentos da rotina, ele tem ficado mais nas rodas, nas atividades e no fora participando junto a todos.

Pensando em estimular que Bruna experimente novos alimentos no dia do natural, passamos a deixar uma mesa no canto da sala, com todos os alimentos trazidos no dia do natural até o final do dia. Ficamos felizes em ver que ela começou a comer maçãs e bananas, outro dia também provou suco de caju. Essa estratégia passou a dar certo, logo depois do fora quando as crianças voltam à sala é quando a fome aperta, elas vão logo a mesa buscar algum alimento para saciar a fome.

Bruna se comunica muito corporalmente, muitas vezes quando quer algo nos pega pela mão e nos mostra o que quer. Se ela se comunica corporalmente e todos entendemos o que quer, pra que falar? Pensando nisso, começamos a fazer algumas intervenções para estimulá-la na fala. Quando ela quer algo e nos procura e pega em nossa mão, como por exemplo para abrir a tampa da garrafa, falamos: “não estou entendendo o que você quer, você precisa falar o que quer se não, não entendo”, como um espaço de silêncio em seguida. Novamente, ela pega a mão e mostra o que quer e insistimos dizendo: “Bruna você precisa falar com a voz pra gente entender, você que ABRA? Então fala: A- B- R I, repetimos bem devagar, até ela fazer algum som, logo abrimos e a dissemos que foi legal ela ter falado!

Recorrentemente elas nos procurar e não fazemos de imediato o que quer, as crianças também a ajudam repedindo, fala Bruna: “A – B – R- I”. Desde o início do ano pedíamos às crianças que chamem Bruna no fora quando se distancia, quando as crianças veem que ela colocou algo na boca a ajudam dizendo: “Bruna não pode, cospe!”, eles estão sempre se ajudando. Outro dia, Bruna trouxe uma banana e eu sentei ao seu lado, parti no meio e coloquei dentro de seu sucrilhos, ela tirava e eu botava de novo, ela ficou bem brava porque eu estava insistindo que ela comece a banana, até que nervosa gritou: N Ã O! Animada que ela tinha se expressado oralmente, tornei a perguntar: “Bruna, você falou NÃO?”, João que estava ao lado me disse: “tá surda Nati, você não escutou, ela falou NÃO!”.

Pela primeira vez no bimestre, teve um dia que a Bruna chegou na roda inicial e trouxe uma espuma de novidade, quando chegou jogou no meio da roda como quem diz: olha o que eu trouxe, ela ficou sorrindo bastante e as crianças quiseram pegar pra ver e apertar, foi bem legal esse momento.

E foi se aproximando a nossa festa da cultura popular, cujo tema era: Maracatu do Baque Virado. Fizemos muitas rodas contando a história do Maracatu, dos personagens que compunham o grupo, inspirados na época de Luís XVI. Juntos confeccionamos tambores e criamos um grupo de maracatu: Maracatu Atônico. Bruna

adorou as atividades de musicalização, em nossos treinos ficou bastante envolvida e concentrada aos sons e ritmos que ensinamos.

Téo deu algumas passadas em nossa sala e em algumas verticais fazendo um trabalho de musicalização com as crianças. Ele trouxe todos os instrumentos do maracatu, Bruna se identificou com a caixa e o tambor, os tocando a risadas.

No fora durante a confecção do estandarte de nossa banda do Maracatu, ela estava envolvida pintando, depois ficamos dançando o Maracatu tocado ao som, Bruna nos procurava, dançava e nos pedia para roda-la.

Na semana seguinte, Bruna chegou na roda em que estávamos nos preparando para o grande cortejo, logo que entrou Carol disse que ela seria a rainha do maracatu, Bruna pintou sua coroa e tocou bastante o tambor em nosso cortejo.

É impressionante o desenvolvimento motor de Bruna, ela pula, se pendura, fica de cabeça para baixo, está sempre no trepa tentando novas possibilidades, explora várias áreas do parque. Outro dia Júlia a chamou para fazer bolos e ela passou um bom tempo com ela brincando e cobrindo seus pés com areia. Bruna é uma criança muito carinhosa, nos dá muitos abraços de ursos e distribui muitos sorrisos para todos.

Nas últimas semanas Bruna descobriu as árvores do parque, subiu sozinha em uma baixinha e logo quis subir nas três maiores que ficam dentro do quadrado de areia. Agora, todos os dias assim que chega ao parque, pede a algum educador que a ajude a subir nas árvores e assim ela vai desvendo aquele labirinto natural e agradável, sempre um de nós (educadores), tem subido junto para dar o limite de altura, pois se deixar Bruna sobe até o topo, uma macaca nata!

Em relação ao xixi, Bruna começou por algumas vezes a ir sozinha ao banheiro fazer xixi, estamos sempre a lembrando de ir em tempos curtos e por pouquíssimas vezes ela tem feito na roupa, outra intervenção que a ajudou nesse sentido, foi todos as vezes que fazia xixi no chão da sala, conversávamos com ela explicando que se tiver com vontade tem que ir no banheiro, que não se faz xixi não chão e todas as vezes que ela fizesse xixi fora do banheiro teria que limpar, e assim a acompanhávamos na lavanderia, pegávamos panos e ela voltava e limpava o xixi. No início ela ficava incomodada e depois parou de fazer fora do banheiro. É importante que a criança intenda que suas ações têm consequências.

E assim continuamos rumo a novas experiências e descobertas! É um prazer muito grande acompanhar e fazer parte desse desabrochar da Bruna tão lindo que é crescer!

Carinhosamente,

Natália Dutra.

Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo
Relatório Individual
– Ciclo 3-
4º Bimestre de 2014
Criança: Bruna (nome fictício)

E assim chegamos ao final de mais um bimestre, fechamento do ciclo 3 do ano de 2014! Um bimestre repleto de muitas aventuras e descobertas do mundo mítico da mitologia grega, onde pudemos experienciar e vivenciar através dos deuses um trabalho multidisciplinar.

Bruna, menina sapeca e levada, nos diverte com sua forma carinhosa e doce de ser.

Os meses foram se passando, as mudanças foram surgindo e a pequena crescendo. Desde o bimestre passado temos observamos que Bruna tem amadurecido, passando a contestar as regras e combinados se colocar firmemente quando é contrariada.

Ao longo do ano observamos uma série de mudanças na pequena. Bruna é uma criança extremamente carinhosa com os adultos. Muitas vezes somos surpreendidas por seus calorosos abraços e seus lindos sorrisos. Carol, sua amiga, por muitas vezes tenta dar umas beijocas, apertos e abraços em Bruna, mas a pequena solta algumas risadas sem graça e sai correndo. Mesmo assim Carol insiste a te conseguir!

Ficamos felizes e ver que nossas intervenções pedagógicas tem auxiliado Bruna em seu desenvolvimento. A primeira foi tirá-la da zona de conforto (fazer só o que quer) e insistir para que experimente o novo, como já mencionado anteriormente. No início, ela foi um tanto resistente, ficava irritada e frustrada, aos poucos foi se interessando por esses momentos coletivos e naturalmente passou a participar cada vez mais das atividades propostas no dia a dia. Quando cansa de fazer uma atividade proposta, combinamos com ela de ficar brincando perto de onde estiver acontecendo à atividade. Bruna tem internalizado muito bem os combinados, durante as atividades ela participa um pouco da uma voltinha e a chamamos para que participe mais vezes.

Também fizemos algumas intervenções para estimulá-la na fala, juntamente com a ajuda do grupo. Como Bruna se comunica muito bem corporalmente, passamos não corresponder suas solicitações corporais a estimulando utilizar a fala para compreendemos melhor o que quer nos comunicar. As crianças em alguns momentos também falam por ela, quando a perguntamos algo e ela não responde, as crianças brincam pensando em hipóteses de resposta por ela. Com o estímulo da fala, as crianças também têm auxiliado nesse processo, repetindo as palavras pausadamente pedindo que ela repita. Quando ela solta qualquer som, as crianças logo falam: “pronto ela já falou!”.

O projeto dos Piratas foi fundamental para ajudar no processo de compreensão da vontade e dos quereres do outro, pois a base do projeto era a construção coletiva,

onde muitos momentos tiveram que ser decididos por todos, onde a opinião de cada um foi fundamental para a construção de um todo. Esse projeto foi muito bom para fortalecer os laços das crianças e criar um sentimento de unidade no grupo, compreendendo as diferenças e a individualidade de cada criança.

Nesse último bimestre ficamos bem felizes ao saber que a pequena passaria chegar no início do dia, por conta que sua mãe voltaria trabalhar. Bruna se acostumou rápido com mudança de rotina, afinal, ela que só chegava no parque, começou a chegar na roda inicial e passou a participar das rodas e das primeiras atividades. Esses momentos das rodas são importantíssimos para o grupo, pois é onde as crianças se escutam e expressão suas opiniões, sendo também onde organizamos e conversamos sobre o dia, facilitando assim a compreensão da rotina.

Também ficamos muito felizes em perceber que nossas intervenções para que a pequena experimentasse novos alimentos no dia do natural tiveram um ótimo resultado! Tentando estimulá-la na experimentação de novos alimentos, passamos a deixar a mesa com os alimentos naturais em um canto da sala até o final do dia. Assim, em seu tempo, quando a fome apertava ela ia até a mesa procurar algo que a agradava, geralmente perto do fim do dia. A pequena provou e passou a comer banana, maçã, milho e sucos.

Dando continuidade ao projeto passamos a nos comunicar com a deusa Deméter e ela nos deu a ideia de fazermos uma horta, e se sim, ela nos ajudaria e daria força para as plantas nascerem fortes e saudáveis. Então fomos pesquisar como se fazia uma horta e descobrimos que para isso teríamos que preparar a terra, para somente em seguida plantarmos as mudas e as sementes. Bruna que tem muito forte a exploração e a descoberta sensorial gostou bastante desses momentos de preparo da terra.

Também tivemos a ideia de construir uma minhocasa, então chamamos Alex (pai Júlia) para nos ensinar como se fazia uma. Ele veio e nos contatou como ela funcionava, como teríamos que cuidar, que tipo de alimentos poderíamos estar colocando lá dentro, nos explicou como de dava o processo de criação do biofertilizante para molhar a nossa horta e como as comidas e folhas se transformavam em terra. Bruna ficou bem interessada e ajudou a preparar todas as camadas por camada da minhocasa, ajudando a despedaçar a matéria seca (folhas e galhos) em seguida colocar camadas de matéria úmida.

Estudando um pouco mais sobre a Grécia, trouxemos para as crianças a história da origem dos jogos Olímpicos na antiga Grécia. Então passamos a pesquisar e a estudar juntos sobre o tema. Em seguida propomos as crianças fazermos as olimpíadas do ciclo 3 !

Nossas olimpíadas foram uma curtição só! Em meio a nossos jogos recebemos uma carta da deusa Atena, dizendo estar muito contente com nossas olimpíadas e que ao final, nos mandaria presentes para celebrarmos a coragem e a dedicação de todos nos esportes. Bruna mostrou todas suas habilidades motoras nas olimpíadas, os esportes que mais se identificou foi a corrida de cavala, onde confeccionamos os cavalos para a

corridas, a corrida de obstáculos e o salta a distância. Bruna é muito segura e confiante com seu corpo, nos desafios mostrou seus passos firmes e coragem em obstáculos que exigiram um esforço maior.

No final das olimpíadas recebemos outra carta de Atena, dizendo que havia escondido pela Vivendo os nossos presentes, após uma longa procura encontramos: medalhas!! Todos ganharam medalhas pelo esforço, coragem e determinação nos esportes das olimpíadas.

Falando em corpo... a pequena passou a ter um interesse muito grande pelas árvores do parque, que começou no fim do bimestre passado. Quase todos os dias é um dos primeiros lugares que a pequena procura quando vamos a parque, pois as árvores a oferecem labirintos de obstáculos motores e ela se diverte bastante se pendurando de um galho para outro. Inclusive tivemos que estar muito atentos a esse desbravamento, a orientando a não subir no topo da árvore e a não se pendurar em galgos filhos. Quando ela não queria nos escutar subíamos na árvore e conversávamos, quando não cumpria os combinados a tirávamos da árvore, o que a deixava bem brava, em seguida conversávamos e explicávamos que tinha que cumprir os combinados para não se machucar. As poucos ela foi internalizando esses combinados, porém todos os educadores ficam atentos nesses momentos de exploração da pequena.

E assim vamos caminhando para o fechamento do projeto, navegando pela história do teatro grego, onde estudaremos a comédia e o drama.

Bruna está bastante autônoma, chega guarda seus sapatos na caixa, coloca sua mochila no gancho, no lanche pega a lancheira come e guarda seu lanche e em seguida nos pede a escova e escova os dentes. Em relação ao xixi, temos que lembrá-la de ir ao banheiro para não fazer na roupa, mas só falamos: “Bruna vai lá no banheiro fazer xixi”, e ela já tem ido sozinha.

Durante o bimestre também tivemos a oportunidade de visitar a exposição dos tapetes contadores de história, Bruna ficou deslumbrada com toda a exposição, corria sem para de um lado para o outro, soltando sons de alegria, queria explorar e tocar em tudo o que via, nos tapetes e seus personagens. A árvore gigante de tecidos foi uma que gostou bastante, até queria deitar em cima, tivemos que conversar algumas vezes dizendo que não podia, somente poderia tocá-la.

E assim vamos nos despedindo desse incrível 2014, mais um ciclo se fechando, de muitas descobertas, aprendizados e amadurecimento! Foi um enorme prazer conviver, ensinar e aprender com essa grande garotinha que nos surpreende a cada dia.

Ótimas férias para todos!

Carinhosamente,

Natália Dutra.

